

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

ALBA LÚCIA MARTINS BASTOS DEZAN

**PSICANÁLISE E LITERATURA:  
RABISCOS NO ESPAÇO TRANSICIONAL**

**BRASÍLIA – DF**

**2010**

ALBA LÚCIA MARTINS BASTOS DEZAN

**PSICANÁLISE E LITERATURA:  
RABISCOS NO ESPAÇO TRANSICIONAL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Tania C. Rivera

**BRASÍLIA – DF**

**2010**

ALBA LÚCIA MARTINS BASTOS DEZAN

**PSICANÁLISE E LITERATURA:  
RABISCOS NO ESPAÇO TRANSICIONAL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

**Banca Examinadora:**

**Presidente:** \_\_\_\_\_

Prof<sup>ª</sup> Dra. Tania Cristina Rivera  
Universidade de Brasília - UnB

**Membro:** \_\_\_\_\_

Prof<sup>ª</sup> Dra. Sueli Hisada  
Instituto Sedes Sapientiae, SEDES – SP

**Membro:** \_\_\_\_\_

Prof<sup>ª</sup> Dra. Terezinha de Camargo Viana  
Universidade de Brasília – UnB

**Suplente:** \_\_\_\_\_

Prof<sup>ª</sup> Dra. Daniela Scheinkman Chatelard  
Universidade de Brasília – UnB

*Ao meu pai.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por sempre me incentivarem, acreditarem em mim, me apoiarem. Sinto muita falta de vocês ao meu lado. Gostaria que estivessem aqui comigo neste momento.

Ao meu amado marido, Edson, por estar sempre, incondicionalmente, ao meu lado, apoiando, incentivando e estimulando desde o primeiro momento em que pensei neste projeto. Obrigada por seu amor e sua compreensão. Obrigada por compreender minhas ausências. Obrigada por enxugar minhas lágrimas e me ajudar a seguir em frente. Eu não teria conseguido sem você.

À Tania, por ter sido uma *orientadora suficientemente boa*. Obrigada por ter sustentado o meu tempo, acreditando que eu daria conta. Obrigada pelas leituras cuidadosas, pelos comentários instigantes. Obrigada pelo carinho.

Ao meu irmão, Mirabeau, e às minhas sobrinhas, Laura Beatriz e Isadora, por me apoiarem e compreenderem minhas ausências.

À Sandra Baccara, por ter me apresentado à Psicanálise e a Winnicott. Obrigada por ter acreditado e confiado em mim desde o princípio.

À Consolação e ao Aldry Sandro, por me estimularem e acreditarem em mim. Obrigada pelos ombros sempre que precisei, pelas escutas atentas, pelas risadas juntos.

Ao Roberto Graña e ao José Outeiral, pelo auxílio prestado todas as vezes que precisei, mesmo que à distância. Obrigada pela disponibilidade e inspiração.

À Lívia e ao Hugo, colegas queridos, pelas leituras atenciosas, pelas escutas, pelas críticas tão produtivas.

Às queridas Júlia, Luíza, Marília, Polianne e Thessa, pelo compartilhamento constante do *brincar*. Obrigada pela interlocução e por transformarem as manhãs de sexta-feira em um verdadeiro *espaço transicional*.

Aos meus queridos alunos, por me permitirem aprender com vocês. Obrigada pela possibilidade de construirmos, juntos, um espaço potencial.

Aos meus pacientes, por confiarem em mim. Obrigada por me ensinarem.

Aos colegas de orientação, pelas trocas tão produtivas e instigantes.

Ao programa CAPES-REUNI, pelo apoio financeiro.

*“A obra somente é obra quando ela se converte  
na intimidade aberta de alguém que a escreveu  
e de alguém que a leu.”*

*Blanchot*

## RESUMO

O presente trabalho toma como objeto de estudo a noção de transicionalidade, buscando compreender suas implicações na vida psíquica e cultural do indivíduo. Buscou-se, inicialmente, sistematizar um diálogo entre Winnicott e Freud, fundamentando os primórdios do desenvolvimento humano, a fim de compreender como se dá a constituição e construção do espaço transicional. Acredita-se que a constituição do espaço transicional e, inicialmente, do objeto transicional não se dê sem a presença da angústia. Tal afeto é fundamental, pois por ele o indivíduo pode movimentar-se na realidade, indo além do objeto, constituindo e vivenciando o fenômeno transicional. Além disso, ele se torna capaz de conferir um lugar significativo às experiências culturais. O diálogo não ficará restrito à psicanálise, havendo o convite para contribuir, com traços adicionais, filósofos e críticos literários. A leitura, finalmente, é tomada como uma experiência cultural, enquanto uma extensão do brincar e, por este motivo, é chamada de lúdica, implicando o indivíduo em uma posição ativa, tanto quanto o brincar. Acredita-se que ler é fazer.

Palavras chave: Freud, Winnicott, transicionalidade, angústia, movimento.



## **ABSTRACT**

The object of study in this paper is the conception of transicionality, in search for the understanding of its implications on the psychic and cultural life of the individual. The first step is to systematize the dialogue between Winnicott and Freud, in search for establish the early human development, in order to understand how the constitution and creation of the transitional space is made. It is believed that the constitution of transitional space and object is made with the presence of anxiety. This affect is basic, so the individual is able to move on reality and go beyond the object and constitute as much as experience the phenomenon. Furthermore, the individual is able to give the cultural experiences a very significant place. The dialogue will not be limited to the psychoanalysis point of view, so there will be the invitation to philosophers and reviewers to contribute with their own squiggles. The reading process is finally taken as an extension of playing and because of that is called playful, implying the individual on an active position, as much as the playing itself. We believe that “reading is doing.”

Key words: Freud, Winnicott, transicionality, anxiety, movement.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1: <i>HOLDING</i>, NARCISISMO E INTEGRAÇÃO: A RELAÇÃO A BICO DE PENA. ....</b>	<b>19</b>
A MÃE SUFICIENTEMENTE BOA NO ESTÁGIO DE DEPENDÊNCIA TOTAL .....	21
O BEBÊ – DA SOLIDÃO ESSENCIAL AO RECONHECIMENTO DO NÃO-EU.....	24
<i>O PARADOXO DO ESTADO DE SOLIDÃO ESSENCIAL</i> .....	25
<i>OS PRIMÓRDIOS DO ESTADO DE INTEGRAÇÃO – A CONSTITUIÇÃO DO EU</i> .....	30
<i>O PRINCÍPIO DE REALIDADE – DAS RELAÇÕES PULSIONAIS ÀS RELAÇÕES OBJETAIS</i> .....	33
“MÃE É: NÃO MORRER.” .....	37
<b>CAPÍTULO 2: A ANGÚSTIA, A TRISTEZA E A TRANSICIONALIDADE: ANVERSA CONSTRUÇÃO .....</b>	<b>40</b>
TRANSICIONALIDADE: ENTRE A PRESENÇA E A AUSÊNCIA.....	45
<i>A ANGÚSTIA E O BRINCAR</i> .....	48
A EXPERIÊNCIA TRANSICIONAL NA RADICALIDADE DA PERDA .....	59
<b>CAPÍTULO 3: FENÔMENO E MOVIMENTO: O TRABALHO DO OLHAR... 63</b>	
O OLHAR ENQUANTO FENÔMENO TRANSICIONAL: O MOVIMENTAR-SE NO MUNDO.....	69
<b>CAPÍTULO 4: A LEITURA LÚDICA: RABISCOS ENTRE AUTOR E LEITOR .....</b>	<b>79</b>
O ESCRITOR, O LEITOR E O TEXTO LITERÁRIO.....	81
O JOGO DO RABISCO E A LEITURA LÚDICA.....	85
A LEITURA E A ANGÚSTIA DA SOLIDÃO .....	90
A LEITURA E A REESCRITA DA PRÓPRIA HISTÓRIA .....	93
“FIM É O LUGAR DE ONDE PARTIMOS” .....	95
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>97</b>

## INTRODUÇÃO

Os biógrafos de Freud sempre ressaltaram seu interesse pela literatura clássica. É fato, por exemplo, que em 1900, Freud recorre a elementos da literatura para dar continuidade à discussão da problemática edípica, utilizando-se do texto shakespeariano “Hamlet”. Nas cartas trocadas com Fliess, ele já estabelece a relação entre a formação de fantasias inconscientes e a criação literária, o que será amplamente tratado em seu texto de 1908, “Escritores criativos e devaneios”, bem como em diversos outros textos posteriores até o fim de sua vida. Ao longo do tempo, portanto, Freud estabelece uma forte ligação entre a psicanálise e a cultura, utilizando amplamente vários de seus elementos como objetos de reflexão focados em questões ligadas aos diversos temas tratados pela psicanálise.

Anos mais tarde em Londres, Winnicott – então presidente da Sociedade Psicanalítica Britânica – faz um discurso durante o banquete realizado em comemoração à finalização do trabalho de tradução das Obras Completas de Freud, dizendo as seguintes palavras:

Freud não deu um lugar em sua topografia da mente à experiência dos elementos da cultura. Ele conferiu um novo valor à realidade interna psíquica e a partir disso conferiu um novo valor às coisas que são atuais e verdadeiramente externas. Freud utilizou a palavra ‘sublimação’ para apontar o caminho para um lugar onde experiências culturais são significativas, mas provavelmente ele não foi longe o bastante para nos dizer onde, na mente, essas experiências culturais estão. (WINNICOTT, 1971, p.128)<sup>1</sup>

Longe de ser uma crítica, Winnicott mostrou, em sua fala e ao longo de todo o texto subsequente, seu entusiasmo em poder, a partir do primeiro passo dado por Freud, continuar a pensar acerca da cultura e de sua importância na vida do indivíduo. De fato,

---

<sup>1</sup> É nossa a tradução deste e dos demais trechos em língua inglesa.

ambos sabiam exatamente a importância da cultura na vida de qualquer indivíduo, uma vez que estamos todos irremediavelmente mergulhados nela.

O presente trabalho tem a pretensão de dar continuidade ao caminho aberto por esses dois psicanalistas e tentar estabelecer uma reflexão acerca de um elemento específico da cultura na vida do indivíduo: a leitura.

O uso da leitura como objeto de estudo é marcado por questões pessoais. Ainda hoje me lembro de uma espécie de ritual que acontecia aos domingos pela manhã, logo depois de ter sido alfabetizada, por volta dos seis anos de idade. Depois de acordar e tomar o café da manhã, carinhosamente preparado por meu pai, íamos os dois a uma banca de revistas próxima a nossa casa e comprávamos revistas em quadrinhos para que eu pudesse ter o que ler durante a semana. Com o tempo, na medida em que eu adquiria o domínio da leitura, as revistas eram lidas com mais e mais rapidez, até chegar um momento em que dificilmente elas não eram todas lidas no domingo mesmo. Para preencher os dias da semana e esperar pelo próximo domingo, eu ia à “biblioteca” de nossa casa e começava minha incursão pelo mundo dos livros, folheando um por um dos diversos exemplares disponíveis ali.

O tempo passou e as revistas em quadrinhos já não atendiam mais à minha sede de leitura e todos os livros da estante já tinham sido lidos e relidos. O primeiro dia das férias escolares passava a ter, então, um roteiro definido: ir com minha mãe a uma livraria e sairmos as duas carregadas de livros que supostamente levaria todo o período das férias para serem lidos. Dificilmente isso acontecia! Os livros logo eram todos lidos e só me restava esperar pela próxima feira do livro.

A menina cresceu, tornou-se adulta e adquiriu outros gostos, cultivou novas paixões, ampliou seu campo de interesses culturais. Mas jamais abandonou o amor

pelos livros. Hoje sou dona de uma “biblioteca” particular bastante significativa, com livros que herdei do acervo de meus pais e também com livros que comprei ao longo dos anos. Para onde quer que eu vá, seja nas férias ou não, saio sempre acompanhada de um livro.

A literatura passou a ocupar um novo espaço quando percebi que podia usar os textos literários para refletir questões levantadas pela psicanálise. Imediatamente pensei que a literatura podia ser usada como um rabisco a ser completado pela psicanálise, e vice-versa, em uma possibilidade de construção da experiência individual. Começa, então, todo um processo de construção lúdica.

Por outro lado, em minha prática clínica, as falas de alguns pacientes começaram a chamar minha atenção, pois diziam de uma impossibilidade de leitura. Alguns se queixavam abertamente de quando ganhavam livros como presentes, outros se recusavam a ler. Por vezes, até começavam a ler determinados livros e paravam no meio do caminho, não conseguindo chegar ao final da leitura, pois ela lhes causava uma angústia extrema. O questionamento que era levantado pelos próprios pacientes nessas situações era praticamente o mesmo: o que acontece que a leitura não me dá prazer? Por que ela me causa tanta angústia, tanta dor? É certo que as perguntas que eles se faziam também me perseguiram.

A partir das perguntas elaboradas pelos pacientes, comecei então a pensar sobre o que é o processo de leitura, como ele é construído e o que a leitura é capaz de provocar no indivíduo. Por que algumas pessoas perdem-se na leitura enquanto outras fogem desse processo? Essas foram as primeiras questões que passaram a nortear meu desejo de pesquisa. A hipótese levantada, pensando na proposta de Winnicott (1971) acerca do espaço potencial ser o lugar no qual a experiência cultural acontece, seria a de

que a leitura só é possível se ela for um fenômeno transicional e se der no espaço potencial, enquanto uma continuidade do brincar criativo infantil.

Seguindo, portanto, a orientação psicanalítica que utilizo na clínica, optei pelos direcionamentos teóricos de Freud e Winnicott para construir a reflexão que será apresentada. Foi então que um outro problema se configurou: de que forma é possível construir um diálogo entre Freud e Winnicott?

Um dos objetivos deste trabalho é buscar construir um diálogo entre Freud e Winnicott de modo que seja possível estabelecer, a partir do psicanalista austríaco, os fundamentos do pensamento winnicottiano. Buscou-se também uma releitura da ideia de transicionalidade, incluindo aí uma reflexão sobre o papel e a importância da angústia no espaço transicional. Chega-se, por fim, na leitura enquanto uma experiência cultural possível na área transicional, permeada tanto pelo prazer quanto pela angústia.

#### *WINNICOTT E FREUD*

Ao contrário de Freud, cujo gosto cultural se inclinava mais para os clássicos que para as manifestações contemporâneas e tinha mais afeição pela literatura e pelas esculturas que pela música, Winnicott tinha gosto cultural bastante eclético, segundo ele mesmo relata ao longo de seus escritos, como também o faz sua segunda esposa e seus amigos mais próximos. Exímio pianista, “com frequência corria até [o piano] e tocava por um momento, entre dois pacientes, e invariavelmente celebrava o final de um dia de trabalho com uma explosão musical em *fortíssimo*” (WINNICOTT, 1994, p.11). É provável que as músicas executadas entre um atendimento e outro fossem de Bach e que o *fortíssimo* ao final do dia correspondesse a alguma peça de Beethoven, visto serem esses seus compositores prediletos (Winnicott, 1994). Em seu gosto musical havia

espaço também para os Beatles, tendo comprado todas suas gravações. Ia a concertos e a peças teatrais, gostava de ouvir e de ler poesias, como conta sua esposa Clare (WINNICOTT, 1994).

Winnicott trabalhou tanto como médico pediatra quanto como psicanalista. Ele conciliou as duas atuações até o fim de sua vida. A influência do seu trabalho em pediatria é visível ao longo de toda sua obra, mas ele também dedicava grande parte de sua prática psicanalítica a adultos, principalmente àqueles que apresentavam o chamado quadro *borderline*.

Avesso ao partidarismo que tomara conta da Sociedade Psicanalítica Britânica depois da morte de Freud, Winnicott ocupava o chamado grupo do meio (*middle group*), tendo o cuidado de manter um pensamento independente tanto dos seguidores de Melanie Klein quanto dos de Anna Freud. Considerava-se freudiano, tendo assumido anos mais tarde, em uma carta a Clifford Scott, durante seu primeiro mandato como presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise: “Sinto-me estranho sentado na cadeira do presidente, pois não conheço o meu Freud como um presidente deveria conhecer; mesmo assim, sinto que tenho Freud nos ossos” (WINNICOTT, 1956, in KAHR, 1997, p.83).

Na biografia que escreveu sobre o psicanalista inglês, Brett Kahr afirma que Winnicott não chegou a ler toda a obra de Freud, uma vez que ela ainda não estava toda traduzida para sua língua natal e ele não tinha domínio da língua germânica. Por sugestão de James Strachey, tradutor da obra de Freud para o inglês, aquilo que ele precisaria ler seria apenas o suficiente para seu trabalho (KAHR, 1997, p.82).

Em uma carta datada de 1º de maio de 1951, destinada a James Strachey, Winnicott diz as seguintes palavras que, de alguma forma, parecem confirmar sua pouca leitura de textos psicanalíticos:

Você ficará aliviado ao saber que andei fazendo uma quantidade até que razoável de leituras psicanalíticas, isso graças ao fato de ter ficado doente duas vezes; contudo, ainda é correto dizer que se eu tivesse de tirar um ano de folga e não fazer mais nada além de ler, eu estaria em melhores condições de escrever. (WINNICOTT, 1951/2005, p.31)

Não há registros que mostrem que Winnicott tenha conhecido pessoalmente o pai da psicanálise. Ele sempre buscou em fontes diversas o conhecimento acerca daquilo que Freud escrevia. Fez análise com o próprio Strachey e manteve contatos profissionais e pessoais com pessoas que haviam bebido direto da fonte de Freud (KAHR, 1997).

É fato que Winnicott não tinha por hábito em seus textos ou conferências apresentar um desenvolvimento histórico de sua construção teórica. Antes, dizia ele:

O que ocorre é que eu junto isto e aquilo, aqui e ali, volto-me para a experiência clínica, minhas próprias teorias e então, em último lugar, passo a ter interesse em descobrir *de onde roubei o quê*<sup>2</sup>. Talvez este seja um método tão bom quanto qualquer outro. (WINNICOTT, 1945, p.218)

Ao longo de seus escritos, ele cita alguns autores contemporâneos a si, dando ênfase ao trabalho por eles desenvolvido na área da psicologia infantil e invariavelmente cita também Freud, mas sem grandes especificações. A exceção a esse fato está em um artigo de 1960, “Teoria do relacionamento paterno-infantil”, em que ele efetivamente faz um diálogo com um texto freudiano, “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, buscando nesse texto a fundamentação para sua argumentação acerca da importância da díade primária mãe-bebê para o desenvolvimento do lactente.

---

<sup>2</sup> Grifo nosso.



Ao longo da leitura dos escritos de Winnicott, sente-se por vezes a necessidade de saber de fato *de onde ele roubou o quê*. Tal necessidade determinou o teor e o ritmo da escrita dos dois primeiros capítulos deste trabalho. Neles um dos objetivos foi tentar estabelecer um diálogo entre Winnicott e Freud. É certo que Winnicott tenha sido fortemente influenciado por outros psicanalistas, particularmente por Melanie Klein, mas optou-se por privilegiar o diálogo com Freud em razão do psicanalista inglês ser considerado o mais freudiano de todos os psicanalistas ingleses de sua época (OUTEIRAL, comunicação pessoal).

No primeiro capítulo, a ênfase recairá sobre as postulações de Winnicott acerca da relação mãe-bebê, a qual, juntamente com o desenvolvimento pulsional do indivíduo, constitui condição fundamental ao desenvolvimento psíquico saudável, segundo o psicanalista inglês. Considera-se que as vivências psíquicas iniciais são fundamentais à constituição do objeto e do fenômeno transicional, do brincar e, posteriormente, da experiência cultural.

No segundo capítulo, o objeto transicional ocupará a cena, o qual foi, sem sombra alguma de dúvida, o conceito que veio a se tornar a mais criativa contribuição realizada por Winnicott à psicanálise. Nesse capítulo, a articulação com Freud terá continuidade e a ênfase recairá sobre questões ligadas à ausência materna, à angústia e à tristeza na fundamentação da transicionalidade.

Quanto às questões tratadas nos dois primeiros capítulos, cabe ressaltar que a referência a ser utilizada será a de uma relação mãe-bebê saudável, com uma mãe saudável, isto é, que sem questões emocionais que possam comprometer o desenvolvimento do bebê, como, por exemplo, quadros psicóticos. O bebê, por sua vez, será considerado livre de deficiências ou problemas físicos e cognitivos.

Os capítulos 3 e 4 buscarão uma articulação entre Winnicott e algumas pessoas significativas da cena francesa, contemporâneos a ele. Buscou-se para tanto o filósofo Merleau-Ponty e o crítico literário Roland Barthes. Esses capítulos cuidarão especificamente de fundamentar um caminho que possibilite o encontro da literatura enquanto experiência cultural significativa na vida do indivíduo.

Uma observação importante se faz necessária com relação ao uso de termos psicanalíticos que possuem alguma divergência em razão da tradução utilizada, como é o caso de termos que foram originalmente traduzidos do alemão de Freud para o inglês e para o português como *catexia*, *ansiedade*, *ego* e *instinto*.

Os textos freudianos utilizados neste trabalho foram, em sua maior parte, aqueles contidos na Edição *Standard* Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Alguns textos, no entanto, foram recentemente retraduzidos e incluídos nos Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Nesta última coletânea, os termos citados acima são traduzidos conforme a tendência da escola francesa de psicanálise, a qual utiliza, respectivamente, os termos *investimento*, *angústia*, *Eu* e *pulsão*. Ainda que a escola inglesa de psicanálise, nela incluídos os textos winnicottianos, use os termos segundo a primeira tradução, após pesquisa acerca das escolhas de termos utilizados nas traduções mais recentes da obra freudiana (SOUZA, 2010; HANS, 1996 e 2004), optou-se, neste trabalho, pela utilização dos termos utilizados pela escola francesa e adotados nas recentes retraduições brasileiras. A exceção se apresenta quando é feita uma citação literal de textos de ambos os psicanalistas nos quais as palavras foram mantidas conforme o seu uso original.

Não se considera que, com o uso de ambas as formas para os termos acima listados, possa-se provocar alguma confusão no leitor, tendo em vista o fato de que, na

língua portuguesa, há atualmente um uso corrente de ambas as formas de tradução desses termos.

Quanto à norma da língua portuguesa, optou-se por adotar a escrita de acordo com as regras do Novo Acordo Ortográfico em todas as citações literais por acreditar que tal uso não comprometerá a fidedignidade dos textos originais.

#### *OS AUTORES BRASILEIROS*

Em todos os capítulos foram utilizados contos e crônicas de escritores brasileiros a fim de se fazer uma articulação com a discussão psicanalítica. Os escritores que nos contribuíram para este trabalho foram Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Cecília Meireles. A escolha por eles se deu pela importância que têm no cenário literário brasileiro e pela possibilidade de reflexão ampla sobre aspectos levantados pela psicanálise durante o percurso de construção deste trabalho.

A forma como os textos foram utilizados seguiu a proposta de Winnicott, segundo a qual, o uso do objeto que possibilita ao indivíduo ser original e criativo no mundo passa pela sua destruição e reconstrução. A todo momento é feita a tentativa de estabelecer um diálogo, um verdadeiro Jogo do Rabisco entre os teóricos e os literários, uma vez que Freud, por sua vez, afirmava que:

os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. (FREUD, 1907[1906]/1996, p.20)

Sendo assim, o convite é neste momento lançado para que o leitor também possa mergulhar no texto que se segue e produzir seus próprios rabiscos a partir dos rabiscos lançados por ele.

## CAPÍTULO 1

### ***HOLDING, NARCISISMO E INTEGRAÇÃO: A RELAÇÃO A BICO DE PENA.***

*“Tenho certeza de que no berço a minha  
primeira vontade foi a de pertencer.”  
Clarice Lispector*

Masud Khan relata que durante um debate em 1940, na Reunião Científica da Sociedade Psicanalítica Britânica, Winnicott declarou que “não existe isso que chamam de bebê. O que quero dizer, naturalmente, é que sempre que vemos um bebê vemos também um cuidado materno, e sem o cuidado materno não haveria bebê” (KHAN in WINNICOTT, 2000, p.40).

De fato, durante todo o seu percurso profissional, enquanto psicanalista e pediatra, Winnicott sustentou essa posição, reformulando-a ao final de sua vida, da seguinte forma:

Nos estágios iniciais a dependência do ambiente é tão absoluta que não há utilidade alguma em pensarmos no novo indivíduo humano como sendo ele a unidade. Nesse estágio, a unidade é o conjunto ambiente-indivíduo (...), unidade da qual o novo indivíduo é apenas uma parte. Neste estágio tão inicial não é lógico pensarmos em termos de um indivíduo, e não apenas devido ao grau de dependência ou apenas porque o indivíduo ainda não está em condições de perceber o ambiente, mas também porque ainda não existe ali um self individual capaz de discriminar entre o EU e o não-EU.

Ao olharmos, vemos uma mãe, e um bebê desenvolvendo-se em seu útero, ou seguro em seus braços, ou sendo cuidado por ela de alguma outra forma. Mas se olharmos através dos olhos do bebê, veremos que ainda não há um lugar a partir do qual olhar. No entanto, a semente de todo o desenvolvimento futuro está ali, e a continuidade da experiência de ser é essencial para a saúde futura do bebê que virá a ser um indivíduo. (WINNICOTT, 1990, p.153)

Passados alguns anos, a escritora Clarice Lispector escreve um conto sobre a relação mãe-bebê, intitulando-o “Menino a bico-de-pena”. Com delicadeza e sensibilidade, ela retrata o seu olhar sobre um Menino e sobre a relação entre ele e sua mãe. Admirada pela quase impossibilidade de conhecê-lo, ela começa a retratar suas próprias sensações diante do quadro que se desenha à sua frente:

Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então ele estará ao meu alcance. Lá está ele, um ponto no infinito. Ninguém conhecerá o hoje dele. Nem ele próprio. Quanto a mim, olho, e é inútil: não consigo entender coisa apenas atual totalmente atual. (LISPECTOR, 1969/1999, p.240)

Aos olhos da escritora, o Menino é um estranho. Mas é, ao mesmo tempo, um ser sobre quem ela tem uma certeza: a de que ele irá se tornar alguém. Ele se tornará um humano e então “poderemos desenhá-lo” (ibidem, p.241). Mas até que este estágio chegue, ela afirma saber “que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até o bico-de-pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive” (idem).

Na medida em que o tempo passar, afirma a autora, “ele passará do tempo atual ao tempo cotidiano, da meditação à expressão, da existência à vida. Fazendo o grande sacrifício de não ser louco” (idem). Mal sabe o Menino (ou a autora?) que “quando apenas são, somos decididamente pobres” (WINNICOTT, 1945/2000, p.225). Mas, por enquanto, ele está sozinho, sentado no chão, “imerso num vazio profundo” (LISPECTOR, op. cit., p.241).

Até este ponto do conto, somente o Menino se faz presente e é clara a dificuldade da autora em desenhá-lo, em dar-lhe uma forma. Parece ficar claro o quanto, nesse momento tão primitivo de sua vida, o Menino é delicado, sua existência é delicada. Ele não existe por si só, como anos antes já havia postulado Winnicott. Ele

depende de um outro para se constituir, ainda que tenha um potencial interno para tal, uma realidade própria, uma potencialidade à maturação. “Podemos dizer que o ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação. Mas o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses, possibilita à criança concretizar seu potencial” (Winnicott, 1963b, p.81).

O ambiente é representado pela mãe suficientemente boa, capaz de suportar o estado de dependência total do Menino e esperar que ele esteja suficientemente seguro para caminhar rumo a uma independência. É a mãe quem sustenta o bebê, quem sustenta o seu tempo, quem permite que de um traço tênue, como é o do bico-de-pena, constitua-se um ser humano, com traços fortes e precisos.

Tanto que, quando ela aparece no conto, “da cozinha a mãe se certifica: você está quietinho aí?” (LISPECTOR, op. cit., p.241), o Menino começa a agir, saindo de sua quietude. Ele responde à mãe: “chamado ao trabalho, o menino ergue-se com dificuldade” (idem). A mãe constitui o ambiente suficientemente bom ao desenvolvimento da criança. No conto de Lispector, ela não é a protagonista, lugar este que é ocupado pelo Menino. Mas para que ele se tornasse o centro da história, alguém lhe faz um apelo e torna isso possível e esse alguém é a mãe.

#### **A MÃE SUFICIENTEMENTE BOA NO ESTÁGIO DE DEPENDÊNCIA TOTAL**

Preocupado com as raízes do desenvolvimento saudável do indivíduo humano, tanto em seu aspecto físico quanto em seus aspectos psíquicos e sociais, Winnicott dá à mãe um papel de destaque durante os primórdios da vida da criança, colocando-a no lugar de uma figura fundamental ao seu desenvolvimento. Ele afirma que “a saúde mental do ser humano tem suas bases assentadas na primeira infância pela mãe, que

fornece um meio ambiente onde os processos complexos mais essenciais no eu do bebê conseguem completar-se” (WINNICOTT, 1948/2000, p.236).

Winnicott ressalta ainda que existe um “relacionamento vitalmente importante entre o bebê e sua mãe, que no entanto não deriva da experiência instintiva nem da relação objetal surgida a partir da experiência instintiva. Esse relacionamento é anterior à experiência instintiva, paralelo a ela, e entremeado a ela” (WINNICOTT, 1952/2000, p.164). Essa experiência outra não pulsional nem tampouco objetal é a de cuidado. Ela é marcada particularmente pelo cuidado físico que a mãe dispensa ao bebê desde os primeiros momentos de sua vida pós-uterina, o que é tomado como *cuidado afetivo* pelo pequeno ser. O cuidado materno satisfatório no começo da vida da criança previne a ansiedade: “(...) a ansiedade mais antiga é aquela relativa a sentir-se segurado de um modo inseguro” (idem).

Segundo Winnicott (1963b/1983), a mãe, de início, é devotada ao bebê e se adapta a ele o máximo possível. Há uma identificação plena da mãe com o bebê e isso lhe permite cuidar dele de uma maneira que nenhuma outra pessoa poderia fazer, uma vez que de início o bebê parece ser parte dela própria. Essa devoção também pode ser considerada um adoecimento por parte da mãe, que dura somente o tempo necessário: a mãe se recupera desse estado tão logo o bebê esteja pronto para sair do estado de dependência total.

A mãe suficientemente boa maneja o ambiente externo de maneira que o bebê não precise reagir às intrusões. Ela fornece um contexto em que seja possível à criança começar a manifestar sua constituição, expor livremente suas tendências ao desenvolvimento, experienciar a espontaneidade de movimentos e as sensações ligadas a todos esses fatores. A adaptação inicial da mãe ao bebê, portanto, não deve ser apenas

pulsional, satisfazendo às necessidades do id, mas também deve envolver o *holding*, o que possibilita o fortalecimento do Eu da criança.

O termo *holding* é utilizado aqui para significar não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total anterior ao conceito de *viver com*. Em outras palavras, se refere à relação espacial ou em três dimensões com o fator tempo gradualmente adicionado. Isso se superpõe, mas na verdade se inicia antes das experiências que são inerentes à existência, tais como o *completar* (e portanto o *não-completar*) de processos, que de fora podem parecer puramente fisiológicos, mas que fazem parte da psicologia da criança e ocorrem em um campo psicológico complexo, determinados pela percepção e pela empatia da mãe. (WINNICOTT, 1960/1983, p.44)

A mãe devotada comum, segundo o psicanalista inglês, comprometida com o *holding*, satisfaz as necessidades fisiológicas do bebê e seu cuidado é consistente, não mecanizado. Pelo *holding*, o bebê sente que a mãe o ama. Através dele, a mãe

Protege da agressão fisiológica.

Leva em conta a sensibilidade cutânea do lactente – tato, temperatura, sensibilidade auditiva, sensibilidade visual, sensibilidade à queda (ação da gravidade) e a falta de conhecimento do lactente da existência de qualquer coisa que não seja ele mesmo.

Inclui a rotina completa do cuidado dia e noite, e não é o mesmo que com dois lactentes, porque é parte do lactente, e dois lactentes nunca são iguais.

Segue também as mudanças instantâneas do dia-a-dia que fazem parte do crescimento e do desenvolvimento do lactente, tanto físico quanto psicológico. (ibidem, p.48)

A maternagem suficientemente boa propicia a sensação de continuidade do ser, o fortalecimento egóico, a possibilidade de relacionamentos objetivos verdadeiros e saudáveis.

Com ‘o cuidado que ele recebe de sua mãe’ cada lactente é capaz de ter uma existência pessoal, e assim começa a construir o que pode ser chamado de *continuidade do ser*. Na base dessa continuidade do ser o potencial herdado se desenvolve gradualmente no indivíduo lactente. Se o cuidado materno não é suficientemente bom então o lactente realmente não vem a existir, uma vez que não há a continuidade do ser; ao invés a



personalidade começa a se construir baseada em reações a irritações do meio. (ibidem, p.53)

As necessidades que o bebê apresenta em seus primeiros dias de vida tendem a ir de puramente corporais a necessidades do Eu “à medida que da elaboração imaginativa das experiências físicas emerge uma psicologia” (WINNICOTT, 1956/2000, p.403). O relacionamento que se estabelece a partir de então entre a díade mãe-bebê passa a ser egóico. É pelo estabelecimento de um relacionamento do Eu que a mãe pode se desligar gradualmente do bebê e este, por sua vez, pode vir a desenvolver a capacidade de construir a ideia de uma pessoa presente na mãe. As falhas maternas constituem, em um momento tão primitivo, uma ameaça ao ser do bebê, uma ameaça de aniquilação. Por outro lado, os acertos não são sequer percebidos pelo bebê, que tem uma continuidade em sua existência. Sendo assim,

A constituição inicial do Eu é, portanto, silenciosa. A primeira organização do Eu deriva da experiência de ameaças de aniquilação que não chegam a se cumprir, e das quais, repetidamente, o bebê *se recupera*. A partir dessas experiências, a confiança na recuperação começa a transformar-se em algo que leva ao Eu e à capacidade do Eu de suportar frustrações. (idem)

É possível perceber, portanto, que, para Winnicott, a vida do bebê não começa quando começam as experiências pulsionais orais, mas sim a partir dos cuidados físicos oferecidos pela mãe ao bebê e só depois disso é que este passa a usufruir do prazer pulsional oral. A vivência pulsional existe concomitantemente à experiência do cuidado materno. O que parece certo é que o bebê não se dá conta dessas experiências paralelas.

#### **O BEBÊ – DA SOLIDÃO ESSENCIAL AO RECONHECIMENTO DO NÃO-EU**

No princípio, para o bebê, não há relacionamentos nem percepção de mundo interno (realidade psíquica) ou externo (mundo externo diferente do Eu). O bebê não

tem conhecimento da mãe ou daquilo que ela pode oferecer. Não há a percepção do estado de dependência absoluta no qual está mergulhado, mesmo que isso seja tão marcante nesse momento (WINNICOTT, 1948/2000).

### ***O PARADOXO DO ESTADO DE SOLIDÃO ESSENCIAL***

Um estado de solidão essencial, o qual “somente pode existir em condições de dependência máxima” (WINNICOTT, 1990, p.154) é característico aqui. É um paradoxo do qual o Menino de Lispector dá notícias, no trecho já citado: “ei-lo sentado no chão, imerso num vazio profundo. Da cozinha a mãe se certifica: você está quietinho aí?” (LISPECTOR, op. cit., p.241). É um *estar só na presença do outro*.

A dependência absoluta só é possível se houver confiança no ambiente, confiança na mãe. Mergulhado na solidão, permitida e sustentada pela mãe, o pequeno ser vivencia seus primeiros rasgos de desenvolvimento psíquico sem que se dê conta disso. É um momento anterior às relações e manifestações pulsionais, afirma Winnicott, isto é, um período em que não se pode falar de catexia objetal, um período em que coisas tais como processo primário, identificação primária, autoerotismo e narcisismo primário são realidades vivas para o bebê (WINNICOTT, 1960/1983).

Também é um período em que o Eu não reconhece um não-Eu, em que a mãe e seu seio são partes integrantes do bebê. É um momento em que o bebê também caminha para a integração, para a coesão de suas várias experiências dentro de si e para que isso aconteça, é fundamental tanto a existência do cuidado materno (*holding*) quanto a vivência das experiências pulsionais. Winnicott sustentava, ao longo de todo o seu trabalho, que para além da vivência pulsional, a vivência da satisfação pulsional

somente é possível quando o Eu participa desse processo, isto é, quando ele está minimamente integrado.

O aparelho psíquico primitivo funciona segundo o princípio do prazer, isto é, sendo guiado por processos primários, tendo por função primordial se manter o máximo possível livre de qualquer estimulação, afastando, pelo uso do mecanismo de repressão, tudo aquilo que ameaçar provocar o desprazer (FREUD, 1900 e 1911). A sobrevivência de um ser humano que possua modo de funcionamento psíquico primitivo como este somente é possível graças à presença de um outro (FREUD, 1911), de uma mãe suficientemente boa que cuide dele durante o tempo necessário para que o princípio de prazer perca seu espaço para o princípio de realidade, no qual há maiores chances de sobrevivência psíquica do indivíduo. Essa mãe reconhece as necessidades prementes do bebê e as supre de forma a lhe dar uma segurança necessária para aprender a lidar com as exigências da realidade.

No entanto, o desprazer se apresenta ao aparelho psíquico independentemente de todo o cuidado dispensado pela mãe ao seu bebê, afinal ela não é perfeita, além do fato de que o desprazer não tem sua origem apenas no mundo externo. As necessidades internas do bebê também são capazes de lhe gerar intenso desprazer. Quando isso acontece, o aparelho psíquico primitivo funciona segundo os padrões dos movimentos reflexos, isto é, “qualquer excitação sensorial que [incida no aparelho psíquico pode] ser prontamente descarregada por uma via motora” (FREUD, 1900/1996, p.594).

Desta forma, se um estado de repouso psíquico (vivência do princípio de prazer) é interrompido e perturbado no bebê por exigências imperativas das suas necessidades internas, o aparelho psíquico se vê diante de uma nova necessidade: a de verificar as circunstâncias do mundo externo e tentar efetuar algum tipo de alteração real nelas, a

fim de afastar novamente o desagradável e manter o prazeroso. O princípio de realidade começa a ser constituído no aparelho psíquico.

Perturbado pela fome, movido pelo desprazer gerado por uma crescente tensão pulsional, o bebê lança seu protesto por satisfação para o mundo gritando, chorando, dando pontapés. No entanto, a situação permanece inalterada, pois a excitação proveniente de uma necessidade interna não se deve a uma força que produza um impacto *momentâneo*, mas a uma força que está continuamente em ação. Só pode haver mudança quando aparece a mãe, que reconhece a necessidade do bebê e lhe proporciona uma ‘vivência de satisfação’ (FREUD, 1900/1996).

Segundo Winnicott (1990, p.120), durante toda essa movimentação que o bebê faz para tentar expulsar a percepção do desprazer, “desenvolve-se uma expectativa, um estado de coisas no qual o bebê está preparado para encontrar algo em algum lugar, mas sem saber o quê. (...) Mais ou menos no momento certo, a mãe oferece o seio”.

Neste momento inicial, o que se tem é aquilo que Winnicott chama de “primeira mamada teórica” que pode coincidir com a primeira mamada real (idem). A primeira mamada real é uma construção de um evento. Ela não pode, por si só, ser considerada uma experiência emocional, tendo-se em conta a extrema imaturidade do bebê. Por outro lado, é graças a uma primeira mamada satisfatória que o contato entre o bebê e o mundo externo pode ser estabelecido e, a partir de um contato satisfatório, um padrão de mamadas (ou de contatos) pode ser bem desenvolvido.

Nesta primeira mamada (teórica), o bebê está pronto para criar, e a mãe torna possível para o bebê ter a ilusão de que o seio, e aquilo que o seio significa, foram criados pelo impulso originado na necessidade. Obviamente, (...), sabemos que aquilo que o bebê criou não foi aquilo que a mãe forneceu, mas a mãe, por sua adaptação extremamente delicada às necessidades (emocionais) do bebê, está em condições de permitir que ele tenha esta ilusão. (ibidem, p.121)

Graças à adaptação quase perfeita da mãe ao bebê no princípio de vida pós-uterina, pela identificação com ele, é possível ao bebê a ilusão de que ele tenha criado os elementos do mundo externo. O “senso de realidade” (idem), não é estabelecido pela insistência da mãe, mas pela possibilidade que ela dá ao bebê, pela ilusão, de criar o mundo externo.

Não se trata apenas da criação do seio durante a experiência da primeira mamada. Trata-se do estabelecimento da possibilidade de se relacionar com o mundo sem ser invadido por ele. É a construção de uma crença na possibilidade de ser criativo no mundo, de poder manipulá-lo sem incorrer no risco de ser aniquilado por ele. Pela vivência saudável desse primeiro momento de relacionamento com o mundo externo, mediada pela mãe, o indivíduo constrói a possibilidade de vir a ser um verdadeiro *self*.

A primeira mamada teórica pode ser o primeiro passo do bebê rumo à atividade criativa, uma vez que implica o momento da criação do seio. É um momento de troca entre o bebê e a mãe, podendo ser considerado o primeiro brincar do indivíduo.

(...) podemos dizer que em razão de uma vitalidade do bebê e através do desenvolvimento da tensão instintiva o bebê acaba por esperar alguma coisa; e então há um movimento de alcançar algo que pode rapidamente tomar a forma de um movimento impulsivo da mão ou da boca em direção a um suposto objeto. Creio que não será inadequado dizer que o bebê está pronto para ser criativo. (...) Aqui o ser humano se encontra na posição de estar criando o mundo. O motivo é a necessidade pessoal; testemunhamos então a gradual transformação da necessidade em desejo. (ibidem, p.122)

A vivência da satisfação provoca uma percepção específica cuja imagem mnêmica fica a ela associada daí por diante.

Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a

própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. (FREUD, 1900/1996, p.595)

Na medida em que a importância da realidade externa cresce, aumenta também a importância dos órgãos sensoriais e da consciência ligada a eles. Em outras palavras, enquanto a percepção de prazer e desprazer era fundamentalmente voltada para o interior, os órgãos do sentido têm a função de voltar a atenção do indivíduo para aquilo que se passa fora, no mundo exterior, mas que o atinge de alguma forma. Ao invés de aguardar que impressões sensoriais surjam, a consciência se antecipa e vai ao seu encontro (FREUD, 1911/2007). Concomitantemente, marcas daquilo que experiencia são deixadas em seu aparelho psíquico, constituindo a *memória*.

Anteriormente, a repressão simplesmente excluía do aparelho psíquico toda e qualquer representação que pudesse ser geradora de desprazer. Com a constituição da memória, surge a possibilidade de realizar uma análise imparcial da representação, podendo-se verificar se ela está em consonância ou não com a realidade, partindo de comparações entre a situação presente e impressões mnêmicas fornecidas por experiências passadas.

A descarga motora, antes a serviço do princípio do prazer, agora altera a realidade e se transforma em ação. Porém, com o prosseguimento do processo maturacional do indivíduo, a própria descarga motora passa a ser coibida, dando lugar ao pensar, que por sua vez é dotado de propriedades tais que possibilitam ao aparelho psíquico suportar a tensão provocada por um estímulo até que sua descarga seja possível.

A controlar a descarga motora, o pensar e todas as demais atividades que agora se tornam conscientes ao indivíduo há uma organização psíquica que não existia desde o princípio, mas que foi sendo constituída com o passar do tempo – o Eu.

## *OS PRIMÓRDIOS DO ESTADO DE INTEGRAÇÃO – A CONSTITUIÇÃO DO EU*

O Eu consiste em uma

organização coesa de processos psíquicos inter-relacionados. (...) Desse Eu diremos que há uma consciência atada a ele, e mais, que é o Eu que controla os acessos à motilidade motora, isto é, o escoamento em direção ao mundo externo das excitações internamente acumuladas. O Eu seria, então, aquela instância psíquica que supervisiona todos os processos parciais que ocorrem na pessoa. (FREUD, 1923/2007, p.31)

Como foi dito anteriormente, o Eu não existe desde o início, diferentemente das pulsões sexuais. Ele precisa “ser desenvolvido” (Freud, 1914/2007, p.99). Tendo como núcleo o sistema perceptual consciente, o desenvolvimento do Eu implica uma percepção de estimulações que vêm não só de dentro, mas também de fora do indivíduo. Neste último caso, as estimulações são provocadas primordialmente, mas não apenas, pelo cuidado dispensado ao bebê pela mãe suficientemente boa. Em outras palavras, o Eu se forma também a partir da manipulação corporal que provoca sensações diversas, particularmente na superfície da pele.

Na relação mãe-bebê, o corpo da criança é algo não apenas visto, mas tocável. A resposta ao toque são sensações tanto externas quanto internas, o que, nesse caso, pode ser equivalente a uma percepção interna. Por essa razão, “em última instância, o Eu deriva de sensações corporais, basicamente daquelas que afloram da superfície do corpo. Ele pode ser considerado, então, como uma projeção mental da superfície do corpo, além de representar a superfície do aparelho mental (...)” (FREUD, 1923/2007, p.83, nota de rodapé 62). O Eu é a projeção de uma superfície.

Em condições favoráveis, o Eu tende à integração em uma unidade. Segundo Winnicott (1962/1983, p.55), “nos estágios mais precoces do desenvolvimento da criança (...) o funcionamento do ego deve ser considerado um conceito inseparável

daquele da existência da criança como pessoa”. A disponibilidade da mãe para cuidar do bebê se constitui em um dos fatores que determinará a força ou a fraqueza do Eu.

Para que o Eu cumpra a tarefa da integração, há que se ter necessariamente a presença de um objeto externo, que é representado pela mãe. A mãe é responsável por manter a criança aquecida, segurá-la, dar-lhe banho, acalenta-la, chamá-la pelo nome (WINNICOTT, 1945/2000). Por outro lado, a integração também depende do próprio indivíduo e de suas vivências pulsionais.

Fica claro, portanto, que o processo de integração implica um trabalho realizado, pode-se dizer, a quatro mãos: cabe à mãe ser suficientemente boa e juntar os pedaços da criança e cabe a esta, por sua vez, a tarefa de vivenciar as experiências pulsionais a fim de se constituir enquanto um sujeito inteiro.

Durante a vivência do período de não-integração, o indivíduo não diferencia o Eu e o não-Eu. Isso significa que, no início, o bebê não tem a mãe ou o seio como objetos diferentes de si, como objetos não-Eu. Caso tenha tido uma experiência anterior de amamentação positiva (a primeira mamada teórica), um traço mnêmico foi estabelecido. Desta forma, quando assolado novamente por necessidades internas, como a fome, por exemplo, ele irá alucinar algo que possa ser atacado a fim de acabar com a percepção de desprazer. A alucinação é possível quando a mãe está ausente. A mãe suficientemente boa é aquela que também se ausenta, que permite ao bebê um espaço no qual ele poderá alucinar e, dessa forma, criar algo, isto é, realizar algum movimento em direção ao mundo externo. É nesse momento que a mãe suficientemente boa aparece e apresenta ao bebê um objeto capaz de amenizar o desprazer: o seio. A mãe suficientemente boa é capaz de saber que o período pelo qual o bebê suporta a sua ausência, período este que tende a aumentar na medida em que o bebê amadurece.



Diante do surgimento da mãe e do seio, ao olhar do bebê, o seio passa a ser precisamente aquilo que ele estava alucinando anteriormente, ele é parte integrante de si mesmo, é tomado enquanto um objeto subjetivo. A mãe sustenta essa ilusão do bebê, bem como suporta ser atacada pelo bebê. Esta situação vivenciada concomitantemente permite a afirmação de que haja a vivência de uma experiência a dois. A repetição dessa experiência tornará possível a passagem do subjetivo ao objetivo: o objeto que anteriormente era subjetivo passará a ser visto pelo bebê como sendo externo, como sendo não-Eu.

O segredo de uma passagem bem sucedida do subjetivo ao objetivo, do Eu para o não-Eu, está na monotonia proporcionada pela mãe no cuidado dispensado ao bebê. “É tarefa da mãe proteger o seu bebê de complicações que ele ainda não pode entender, dando-lhe continuamente aquele pedacinho simplificado do mundo que ele, através dela, passa a conhecer”, afirma Winnicott (ibidem, p.228). Somente com este cuidado, com a sustentação da ilusão, apresentação gradual do mundo e conseqüente frustração será possível ao indivíduo passar à percepção objetiva do mundo.

Quando tudo vai bem, está fundamentado o caminho que leva à integração. O Eu do indivíduo aos poucos é integrado e o mundo externo aos poucos também se apresenta a ele sem que represente um perigo. Antes, é um mundo a ser explorado, como bem mostra o Menino:

Da cozinha a mãe se certifica: você está quietinho aí? Chamado ao trabalho, o menino ergue-se com dificuldade. Cambaleia sobre as pernas, com a atenção inteira para dentro: todo o seu equilíbrio é interno. Conseguido isso, agora a inteira atenção para fora: ele observa o que o ato de se erguer provocou. Pois levantar-se teve conseqüências e conseqüências: o chão move-se incerto, uma cadeira o supera, a parede o delimita. E na parede tem o retrato de *O Menino*. É difícil olhar para o retrato alto sem apoiar-se num móvel, isso ele ainda não treinou. Mas eis que sua própria dificuldade lhe serve de apoio: o que o mantém em pé é exatamente prender a atenção ao retrato alto, olhar para cima lhe serve de

guindaste. Mas ele comete um erro: pestaneja. Ter pestanejado desliga-o por uma fração de segundo do retrato que o sustentava. O equilíbrio se desfaz – num único gesto total, ele cai sentado. De boca entreaberta pelo esforço de vida a baba clara escorre e pinga no chão. Olha o pingo bem de perto, como uma formiga. O braço ergue-se, avança em árduo mecanismo de etapas. E de súbito, como para prender um inefável, com inesperada violência ele achata a baba com a palma da mão. Pestaneja, espera. Finalmente, passado o tempo necessário que se tem de esperar pelas coisas, ele destampa cuidadosamente a mão e olha no assoalho o fruto da experiência. O chão está vazio. Em nova brusca etapa, olha a mão: o pingo de baba está, pois, colado na palma. Agora ele sabe disso também. Então, de olhos bem abertos, lambe a baba que pertence ao menino. Ele pensa bem alto: menino. (LISPECTOR, op. cit., p.241)

Com a conquista paulatina do estado de integração, o estabelecimento do princípio de realidade acaba por constituir um grande passo no desenvolvimento psíquico do indivíduo e a realização de novas adaptações se faz necessária para o aparelho psíquico, dentre as quais a percepção consciente daquilo que é externo ao indivíduo. É graças ao estabelecimento de um Eu cada vez mais fortalecido e independente da mãe que o princípio de prazer perde espaço para o princípio de realidade.

#### ***O PRINCÍPIO DE REALIDADE – DAS RELAÇÕES PULSIONAIS ÀS RELAÇÕES OBJETAIS***

A vivência no princípio de realidade implica, dentre outras coisas, a catexia objetal, isto é, a saída do indivíduo de uma posição em que o investimento se dá em objetos subjetivos e o direcionamento de uma parte do investimento para objetos do mundo externo, objetivamente percebido. Para que isto aconteça, é necessário um amadurecimento psíquico que exige do indivíduo um abandono das pulsões eróticas e seu redirecionamento, de tal forma que o mundo que o cerca seja incluído em seu espectro de investimento.

Característico da pulsão sexual primária é o autoerotismo, representado em uma fase muito primitiva do bebê pelo comportamento de chuchar. Para Freud, de fato este comportamento é tomado como a primeira manifestação da sexualidade infantil.

O chuchar, que já aparece no lactente e pode continuar até a maturidade ou persistir por toda a vida, consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição. Uma parte dos próprios lábios, a língua ou qualquer outro ponto da pele que esteja ao alcance – até mesmo o dedão do pé – são tomados como objeto sobre o qual se exerce essa sucção. (FREUD, 1905/1996, p.169)

O chuchar infantil é uma prática sexual na qual a pulsão é satisfeita no próprio corpo da criança, isto é, de forma autoerótica. O autoerotismo, para a psicanálise, diz respeito não à gênese da excitação, mas ao objeto ao qual se volta; o próprio corpo é tomado como objeto.

No chuchar, o que se dá é a movimentação rítmica de sucção, seja da pele ou de alguma mucosa, o que remete à lembrança do ato de sugar o seio materno (ou seu substituto). Note-se que esse movimento, a princípio, está ligado à função de alimentação e, portanto, de autopreservação do indivíduo. Com o tempo ocorre uma desvinculação, o prazer passa a acontecer independentemente de o objeto seio (ou equivalente) estar presente e o que se destaca é o prazer sexual que se obtém do chuchar. O prazer é obtido sem que haja a necessidade da ingestão do alimento, sendo suficiente a recorrência a um traço mnêmico para a realização do desejo e obtenção do prazer.

O chuchar, portanto, mostra de forma inequívoca características essenciais da pulsão sexual, a qual nasce apoiada em funções somáticas vitais, sem o conhecimento de objetos sexuais externos (o que a faz autoerótica) e cujo alvo está sujeito a uma zona erógena corporal.

O chuchar não é a única manifestação do autoerotismo, mas apenas um exemplo típico de uma fase do desenvolvimento extremamente primitiva do indivíduo. Pensando o autoerotismo em suas diversas manifestações, Etchegoyen (2007) lembra que ele é anárquico, seus vários componentes buscam cada um seu próprio prazer e encontram a satisfação no próprio corpo. É constitutivo de uma fase que precede o estágio da catexia objetal. No entanto,

Há um estágio entre ambos, no qual a pulsão sexual unificada toma como objeto o próprio Eu do indivíduo, o qual é constituído por volta deste mesmo período. Neste estágio intermediário, chamado ‘narcisismo’, o sujeito age como se estivesse apaixonado por si próprio; suas pulsões egoístas ainda não podem ser separadas de seus desejos. (ETCHEGOYEN, 2007, p.56).

Segundo Freud (1914/2007), o narcisismo consiste no investimento da libido no Eu, é um complemento libidinal do egoísmo próprio da pulsão de autoconservação. Ele deve ser provocado, surgindo a partir de uma nova ação psíquica atuando no indivíduo.

Na medida em que o Eu se fortalece, ele se dá conta da existência do mundo externo, representado pela mãe. No entanto, tal percepção ainda é muito primitiva, não sendo suficiente para que haja um real movimento de investimento neste objeto externo que lhe é tão fundamental.

Anna Freud ressalta que

este primeiro ‘amor’ do bebê é egoísta e material. Sua vida é governada pelas sensações de necessidade e satisfação, prazer e desconforto. A mãe, enquanto objeto, desempenha um papel nessa vida na medida em que proporciona satisfação e remove o desconforto. Quando as necessidades do bebê são preenchidas, ou seja, quando ele se sente aquecido, confortável, com sensações gástricas agradáveis, ele retira o seu interesse do mundo objetivo e adormece. No momento em que ele está faminto, molhado e com frio, ou perturbado por sensações intestinais, ele pede socorro ao mundo exterior. Nesse período a necessidade de um objeto é inseparável das grandes necessidades corporais. (ANNA FREUD in WINNICOTT, 1948/2000, p.236-7)

O autoerotismo nunca será de todo abandonado; de fato, o narcisismo se sobreporá a ele. Na medida em que o Eu se fortalece e a percepção do mundo externo começa a ser uma realidade para o bebê, uma nova configuração libidinal é delineada. O bebê começa a perceber efetivamente o cuidado dispensado ao seu corpo, da mesma forma que começa a perceber que aquele corpo pertence a ele. Pela percepção da pele enquanto membrana limitadora entre o corpo e o mundo (WINNICOTT, 1962/1983), mais um fator se agrega no processo de integração do Eu. O bebê passa a tomar de uma forma mais consciente o seu próprio corpo enquanto fonte de investimento libidinal. O narcisismo primário é constituído.

Com o passar do tempo, tanto o autoerotismo quanto o narcisismo primário deixam de ser uma opção tão interessante. Isto porque se chega a um ponto em que o investimento de libido no Eu ultrapassa o limite do prazeroso e passa a ser percebido efetivamente como sendo desprazeroso. “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos, não pudermos amar” (FREUD, 1914/2007, p.106).

A realidade externa deve ser de alguma forma mais vantajosa ao indivíduo que a vivência exclusiva em uma realidade tão somente subjetiva:

Frequentemente ouvimos falar das frustrações muitíssimo reais impostas pela realidade externa, mas com muito menos frequência ouvimos algo sobre o alívio e a satisfação que ela proporciona. O leite real é mais satisfatório que o leite imaginário, mas este não é o problema. O problema é que na fantasia as coisas funcionam de um modo mágico: não há freios na fantasia, e o amor e o ódio têm consequências alarmantes. A realidade externa tem freios, e pode ser estudada e conhecida, e o verdadeiro impacto total da fantasia pode ser tolerado somente quando a realidade externa é suficientemente levada em conta. O subjetivo é tremendamente valioso, mas é tão alarmante e mágico que não pode ser usufruído, exceto enquanto um paralelo ao objetivo. (WINNICOTT, 1945/2000, p.228)

Quando o indivíduo se mantém estagnado na vivência ilusional, ele acaba impedido de usufruir a vivência com o objeto externo e, conseqüentemente, com o próprio mundo externo. A realidade externa, bem como o objeto externo não-Eu se oferecem ao indivíduo como algo a ser manipulado por ele. A segurança proporcionada pela mãe-objeto, num primeiro momento, faz com que o objeto externo possa sobreviver a qualquer ambivalência, aos ataques sucessivos que o acometem, certeza esta que o objeto subjetivo não é capaz de oferecer. Está aberta a porta ao estabelecimento do objeto transicional.

***“MÃE É: NÃO MORRER.”***

No conto de Lispector, ao dizer em alta voz “menino”, o Menino é conclamado pela mãe a dizer quem é que ele estava chamando. Sua reação à escuta da voz materna é procurar por ela. Mas ele ainda não tem tanto equilíbrio e, ao levantar-se, acaba por cair. O choro é imediato.

Enquanto chora, vê a sala entortada e refratada em lágrimas, o volume branco cresce até ele – mãe! absorve-o com braços fortes, e eis que o menino está bem no alto do ar, bem no quente e no bom. O teto está mais perto, agora; a mesa, embaixo. E, como ele não pode mais de cansaço, começa a revirar as pupilas até que estas vão mergulhando na linha de horizonte dos olhos. Fecha-os sobre a última imagem, as grades da cama. Adormece esgotado e sereno. (LISPECTOR, op. cit., p.242)

Se a não-integração nunca chegou a ser preocupante ao bebê, a possibilidade de desintegração é avassaladora. Isto porque quando da não-integração, a integração ainda não era conhecida, o que não é verdade quanto à desintegração. Winnicott ressalta, contudo, que a integração não passa de um estado. Ele propõe a ideia de que seja uma ilusão pensar que, na saúde, o indivíduo encontra-se constantemente integrado, “vivendo dentro do seu próprio corpo e sentindo que o mundo é real” (WINNICOTT,

1945/2000, p.225). Este estado de sanidade pode constituir, antes, um sintoma que carrega em si o medo ou a negação de um estado de loucura ou de desintegração/não-integração, de despersonalização e sensação de que o mundo não é real.

O estado integrado é, portanto, uma conquista, auxiliada particularmente pela provisão satisfatória proporcionada pelo ambiente suficientemente bom, representado pela mãe, mas também pela intensidade das vivências pulsionais. A confiabilidade desenvolvida pelo bebê no ambiente lhe fornece a segurança para poder atuar nele, como faz o Menino:

A água secou na boca. A mosca bate no vidro. O sono do menino é raiado de claridade e calor, o sono vibra no ar. Até que, em pesadelo súbito, uma das palavras que ele aprendeu lhe ocorre: ele estremece violentamente, abre os olhos. E para o seu terror vê apenas isto: o vazio quente e claro do ar, sem mãe. O que ele pensa estoura em choro pela casa toda. Enquanto chora, vai se reconhecendo, transformando-se naquele que a mãe reconhecerá. Quase desfalece em soluços, com urgência ele tem que se transformar numa coisa que pode ser vista e ouvida senão ele ficará só, tem que se transformar em compreensível senão ninguém o compreenderá, senão ninguém irá para o seu silêncio, ninguém o conhece se ele não disser e contar, farei tudo o que for necessário para que eu seja dos outros e os outros sejam meus, pularei por cima de minha felicidade real que só me traria abandono, e serei popular, faço a barganha de ser amado, é inteiramente mágico chorar para ter em troca: mãe.

Até que o ruído familiar entra pela porta e o menino, mudo de interesse pelo que o poder de um menino provoca, para de chorar: mãe. Mãe é: não morrer. E sua segurança é saber que tem um mundo para trair e vender, e que o venderá.

É a mãe, sim é a mãe com fralda na mão. A partir de ver a fralda, ele recomeça a chorar.

– Pois se você está todo molhado!

A notícia o espanta, sua curiosidade recomeça, mas agora uma curiosidade confortável e garantida. Olha com cegueira o próprio molhado, em nova etapa olha a mãe. Mas de repente se retesa e escuta com o corpo todo, o coração batendo pesado na barriga: fonfom!, reconhece ele de repente num grito de vitória e terror – o menino acaba de reconhecer!

– Isso mesmo!, diz a mãe com orgulho, isso mesmo, meu amor, é fonfom que passou agora pela rua, vou contar para o papai que você já aprendeu, é assim mesmo que se diz: fonfom, meu amor!, diz a mãe puxando-o de baixo para cima e depois de cima para baixo, levantando-o pelas pernas,

inclinando-o para trás, puxando-o de novo de baixo para cima. Em todas as posições o menino conserva os olhos bem abertos. Secos como fralda nova. (LISPECTOR, op. cit., p. 242-3)



## CAPÍTULO 2

### A ANGÚSTIA, A TRISTEZA E A TRANSICIONALIDADE: ANVERSA CONSTRUÇÃO

*“A gente devia parar de poder estar tão acordado,  
quando precisasse, e adormecer seguro, salvo.”*  
Guimarães Rosa

*“Espera-se que a psicanálise seja capaz de utilizar a teoria dos  
fenômenos transicionais a fim de descrever  
o modo como uma provisão ambiental suficientemente boa,  
nos estádios mais primitivos, torna possível ao indivíduo  
enfrentar o imenso choque da perda da onipotência.”*  
Winnicott

Ainda que o reconhecimento de um mundo externo, diferente de si, seja algo, de algum modo apaziguador, e que chegue um momento em que o narcisismo primário e a vivência da onipotência deixem de ser opções interessantes, Freud lembra que dificilmente o indivíduo simplesmente dá as costas para um novo modo de funcionamento em detrimento de um anterior ao qual já está familiarizado. Mesmo porque se, de um lado, o mundo interno é incontrolável, sem freios e totalmente mágico, como lembra Winnicott, por outro o mundo externo se apresenta ao indivíduo de forma traumática, sinalizando o desprazer e a quebra da onipotência. É a partir da apresentação de algo desagradável que o princípio de realidade se constitui no aparelho psíquico, que, a partir de então, se vê diante de uma nova necessidade – verificar as circunstâncias do mundo externo e tentar efetuar nelas algum tipo de alteração real a fim de afastar o desagradável e manter o prazeroso.

Ao acordar sozinho em seu quarto, o Menino entra em desespero. Ele perscruta o ambiente e não vê aquela que para ele significa a vida. Tudo o que vê é “o vazio quente

e claro do ar, sem mãe. O que ele pensa estoura em choro pela casa toda.” (LISPECTOR, 1969/1999, p.242).

O choro do Menino parece ser o extravazamento de um afeto de fato desprazeroso, angustiante mesmo. Este desprazer pode ter duas fontes: uma interna e outra externa. O desprazer interno diz respeito à sensação de desintegração que toma conta do Menino assim que ele acorda. É o seu choro que lhe permite a reconquista do estado de integração do Eu, do qual ele já dava notícias antes de cair no sono. Quando chora, o Menino consegue se reintegrar, transformar-se naquele a quem a mãe reconhecerá. Enquanto chora, ele mesmo se reconhece, percebe-se como aquele que se entregará como um presente à mãe, em uma barganha para que esta nunca mais desapareça, nunca mais o abandone.

O segundo desprazer, ou uma outra percepção angustiante, diz respeito ao ambiente: o Menino acorda e não vê a mãe. Freud (1926/1996) pondera que a perda da percepção da mãe pela criança muito pequena, isto é, a saída da mãe do campo de visão da criança, assemelha-se à perda da mãe em si, fato este que constitui a condição primeira para a vivência da angústia.

Enquanto afeto, a angústia só pode ser sentida por um Eu minimamente integrado. É então que, na medida em que o Menino se reintegra a partir do choro, seu desespero parece aumentar.

Freud sustentava a tese de que a primeira angústia pela qual o indivíduo passava era a angústia do nascimento. No entanto, quando do nascimento, o bebê não tem conhecimento algum do mundo externo e o próprio nascimento em si não tem conteúdo psíquico algum. Não há, aos olhos do bebê, aquilo que pode ser denominado como risco do nascimento. No máximo, diz Freud, o bebê pode perceber “alguma grande

perturbação na economia de sua libido narcísica” (ibidem, p.134). Em outras palavras, narcisicamente o indivíduo percebe uma perturbação naquilo que antes era uma constante, a saber, a situação intrauterina.

Quando nasce, a criança é tomada por um aumento significativo de excitação, o que lhe provoca o desprazer e faz com que o seu corpo se dê a conhecer pelo mundo, por meio da descarga advinda pelo choro, por exemplo. O corpo do bebê será investido tanto pelas vivências pulsionais quanto pelo cuidado materno e demandará respostas por parte do ambiente. Uma parte das respostas demandadas virá através do cuidado da mãe, o que, por sua vez, será vivenciado pelo bebê como demonstrações de amor que lhe proporcionam prazer. A outra parte das demandas, no entanto, não obterá uma resposta do ambiente, então o sujeito terá que se haver com a ausência da resposta. Toda vez que houver um aumento da tensão interna, seja ela provocada por demandas pulsionais ou não, o desprazer se fará presente e haverá uma tentativa de expurgá-lo, primeiramente, via descarga motora, em uma espécie de automatismo.

Esse momento primário se diferencia de um posterior, quando a criança sai do estado narcísico primário e passa a perceber efetivamente o mundo que a cerca, primeiramente concentrado na figura da mãe. Este reconhecimento leva tempo e é a mãe quem sustenta o tempo para a criança pelo período que for necessário para que ela possa lidar com o mundo externo. A não percepção da mãe é angustiante ao Menino também porque sinaliza a ele o perigo da perda de um elo com um mundo com o qual ele ainda não consegue lidar totalmente.

A manifestação da angústia pelo choro representa uma transição da angústia como movimento involuntário e automático – como é o caso da angústia na ocasião do

nascimento – para a reprodução intencional da angústia como sinalizadora de um perigo real, afirma Freud (1926/1996).

O Menino pensa, mas isso ainda não é o suficiente para que ele possa suportar o aumento da tensão interna que o acomete e postergar o agir. O processo psíquico primário ainda é imperioso. De fato, o que ocupa o pensar do Menino é o momento presente, é a percepção da ausência. Não há elaborações, não há construções ou busca de alternativas para a ausência, como seria o caso quando da prevalência do processo secundário de funcionamento do aparelho psíquico (FREUD, 1911/2007). O próprio choro é o agir e ele sinaliza a atualidade do pensamento onipotente no funcionamento psíquico do Menino.

Em 1913, Ferenczi ressaltou que a vivência da onipotência se dá em diversos períodos, sendo um deles o período de onipotência com a ajuda de gestos mágicos. Com o desenvolvimento psíquico, a criança é capaz de passar do movimento motor descoordenado ao gesto expressivo em uma tentativa de restabelecer o prazer perdido. O choro do Menino parece ter essa conotação, não sendo um movimento motor descoordenado, mas um gesto expressivo de um desejo: o desejo pela mãe. O anseio por ela. O gesto onipotente tem em seu cerne o objetivo de afastar o perigo iminente.

Pelo relacionamento estabelecido até então com a mãe, o Menino sabe que é ela que, graças à sua devoção inicial, atende a quase todas as suas necessidades. O seu amadurecimento, contudo, também o faz perceber o quanto é dependente dessa mãe.

Freud (1926/1996) diz que uma situação de perigo real à qual a criança poderia reagir seria aquela em que alguma necessidade se manifeste e não haja como satisfazê-la, uma vez que a mãe, a única que poderia fazê-lo, não está presente. A tensão

provocada pela demanda aumenta descontroladamente e a criança nada pode fazer para mudar essa situação.

No entanto, nem sempre a criança irá gritar pela mãe quando uma demanda real estiver em curso. A necessidade desde cedo é substituída pelo desejo. Em outras palavras, a criança deseja a mãe não porque haja efetivamente alguma demanda pulsando, mas porque antecipa a sua ocorrência. O sujeito realmente acredita que qualquer que seja a demanda, pulsional ou não, será o objeto externo aquele que poderá supri-la.

Quando anteriormente surgia uma demanda, a criança, em pleno uso do processo primário, fazia uso da alucinação, da invocação da imagem da mãe, em uma tentativa de obter a satisfação. Ferenczi (1913/1992) afirma que a criança supunha presente uma satisfação, em realidade ausente, a fim de satisfazer a violência do seu desejo. Chega um ponto, entretanto, em que a alucinação decepciona ao invés de satisfazer. A realidade se mostra imperativa, denunciando o fracasso do processo primário e reclamando para si atenção e respeito. O Menino se desorienta. Ele começa a se dar conta de que o mundo externo existe apesar dele e que não o controla da forma como acreditava.

Se ser onipotente é ter “a impressão de ter tudo o que se quer e de não ter mais nada a desejar” (FERENCZI, 1913/1992, p.42), então é preciso abrir mão da onipotência, pois o Menino já não mais necessita: ele deseja. Deseja a mãe, aquela que o reconhecerá. Ele deseja aquilo que é real, como afirma Kehl (1990). O Menino abre mão de ser Deus. A angústia se instala. O Menino chora. “Até que o ruído familiar entra pela porta e o menino, mudo de interesse pelo que o poder de um menino provoca, para de chorar: mãe. Mãe é: não morrer” (LISPECTOR, op. cit., p.242).

Não há nada que possa tomar o lugar da mãe quando a criança é tão imatura e dependente. De início, nada pode ser usado para simbolizar a presença na ausência de um objeto tão fortemente desejado. É somente com o tempo, e com sua sustentação, que a criança poderá fazer uma tentativa de colocar algo entre o desejo e a satisfação, entre o mundo interno e a realidade externa, entre o Eu e o não-Eu.

### **TRANSICIONALIDADE: ENTRE A PRESENÇA E A AUSÊNCIA**

Guimarães Rosa retrata em vários de seus contos diversos Meninos. Um deles, particularmente, aparece em dois momentos diferentes: no primeiro, em um conto intitulado “As margens da alegria”, viaja em companhia do Tio e da Tia, levado pelo Pai e pela Mãe, para conhecer a cidade em construção, incrustada no meio do cerrado; no segundo momento, no conto intitulado “Os cimos”<sup>3</sup>, o Menino viaja novamente para a Capital, mas dessa vez está acompanhado apenas pelo Tio. Ao contrário da primeira viagem, que é de pura felicidade, a segunda é quase um trabalho de luto: a mãe ficou para trás, seriamente doente. Tudo o que o Menino carrega dela é a lembrança. Trata-se de um Menino para quem a lembrança é tudo.

O Menino de Guimarães Rosa é mais velho que o de Clarice Lispector. Não se sabe exatamente quão mais velho, mas o suficiente para mostrar de forma pungente o quanto é sofrido o reconhecimento de que o controle do mundo externo lhe escapa de maneira incontrolável. Mas ele também revela como é possível lidar com a dor provocada pela perda da onipotência, realizando um trabalho de transformação de si e do mundo que o cerca, o que lhe dará a certeza de ser possível viver criativamente. A certeza de que é possível ser no mundo.

---

<sup>3</sup> Agradeço imensamente ao Wesley Peres por me proporcionar o encontro com este Menino, seu macaquinho e o tucano.

De início,

Ia um menino, com os Tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. A Mãe e o Pai vinham trazê-lo ao aeroporto. A Tia e o Tio tomavam conta dele justinamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. O avião era da Companhia, especial, de quatro lugares. Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O voo ia ser pouco mais de duas horas. O menino fremia no acorçoo, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes raiair numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se – certo como o ato de respirar – o de fugir para o espaço em branco. O Menino. (GUIMARÃES ROSA, 2005a, p.49)

Mas depois, *o inverso afastamento*, como intitula o autor:

Outra era a vez. De sorte que de novo o Menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade. Vinha, porém, só com o Tio, e era uma íngreme partida. Entrara aturdido no avião, a esmo tropeçante, enrolava-o de por dentro um estufo como cansaço; fingia apenas que sorria, quando lhe falavam. (GUIMARÃES ROSA, 2005b, p.201)

São momentos distintos experienciados pelo Menino e ambos tanto representam como constituem sua possibilidade de ser no mundo.

Na primeira viagem, há registros que podem dizer respeito ao prazer inigualável de criar um mundo que já estava lá para ser criado. Era uma viagem “inventada no feliz”, como diz o autor. A experiência dela era algo subjetivo ao Menino, dizia respeito ao seu interno. Winnicott afirma (1954/2000) que somente é possível perceber o interno quando se tem a percepção também do externo, quando há um limite interposto entre as duas realidades.

Por outro lado, se havia felicidade, era o próprio Menino quem pincelava cada momento com os coloridos de sua felicidade. Era como um sonho, para o qual contribuía tanto o interno quanto o externo, como lembra Winnicott (1968a/1994).

Mas não era um sonho, era uma experiência real. Cada gesto seu era como que de uma criação, de um traço a mais no traço fornecido pelo mundo que o cercava. Era como se ele complementasse com suas vivências internas aquilo que experienciava. O Menino dá notícias de um mundo interno rico, com intenso potencial criativo.

A criatividade para Winnicott (1971, p.87) não diz respeito apenas à criação artística, mas a “um colorido de toda a atitude em direção à realidade externa”.

A percepção criativa do mundo que o cerca permite ao indivíduo sentir que a vida vale a pena, que é digna de ser vivida. Quando se configura um relacionamento submisso em relação à realidade externa, tudo o que se faz é adequar-se ao meio, acoplando-se uma sensação de inutilidade e futilidade.

A criatividade para Winnicott envolve a abordagem que o indivíduo faz à realidade externa. A etiologia da criatividade passa por saber como se deram as primeiras abordagens criativas do fenômeno externo pelo indivíduo.

O impulso criativo é algo, portanto, que pode ser olhado como algo em si mesmo, algo que, é claro, é necessário quando um artista precisa produzir uma obra de arte, mas também como algo que está presente quando *qualquer pessoa* – bebê, criança, adolescente, adulto, idoso ou idosa – olha de forma saudável para qualquer coisa ou faz qualquer coisa deliberadamente, como fazer bagunça com as fezes ou prolongar o choro ao apreciar um som musical. (WINNICOTT, 1971, p.92)

O viver criativo, ou a criatividade em si, está diretamente relacionado com a provisão ambiental primeira oferecida ao bebê pela mãe suficientemente boa. A criatividade diz respeito à forma como o indivíduo lida com os objetos externos, relacionando-os com seu mundo interno.

Mas então vem a segunda viagem. Ela começa aos tropeços. O Menino é levado, não vai por conta própria. A realidade se mostrava a ele de maneira traumática: “sabia que a Mãe estava doente. Por isso o mandavam para fora, decerto por demorados



dias, decerto porque era preciso” (GUIMARÃES ROSA, op. cit., p.201). O Menino se aflige, afinal “a Mãe da gente era a Mãe da gente, só; mais nada” (ibidem, p.205).

Talvez seja possível afirmar, com mais propriedade, que a realidade é traumática sempre que se apresenta ao indivíduo, e não que ela, naquele momento, se apresentou ao Menino de forma traumática. Isto porque, como sugere Winnicott (1965/1994), pensar em trauma é pensar no próprio ambiente, em fatores externos ao indivíduo. É pensar no não-Eu. Para esse autor, o trauma é aquilo que rompe a idealização, que coloca por terra a crença na onipotência, que desilude. Espera-se, de fato, que a realidade seja traumática para que o indivíduo possa sair da posição narcísica primária e verdadeiramente ser capaz de viver.

O trauma ocorre, segundo Winnicott, quando, aos olhos do indivíduo, o ambiente fracassa. “Não é justo para o objeto idealizado (subjetivo, quase) demonstrar sua independência, sua própria separação, sua liberdade do controle onipotente [do indivíduo]” (WINNICOTT, 1965/1994, p.105). O indivíduo se dirige ao objeto com uma espécie de planejamento pré-definido de sua ação e esperando que o objeto reaja de uma forma também planejada (pelo indivíduo, claro, afinal, aos seus olhos, o objeto não é independente). No entanto, o objeto que é real surpreende o indivíduo e age de forma independente e autônoma, segundo sua própria vontade, sem realizar a expectativa do indivíduo, decepcionando-o. Todo esse conjunto de fatores contribui para a angústia e também para a tristeza do Menino.

### ***A ANGÚSTIA E O BRINCAR***

Guimarães Rosa consegue dizer, através da literatura, aquilo que tanto Freud quanto Winnicott falaram também acerca da angústia. Os três ressaltam que, diante a

ausência materna, a criança sofre imensamente. O autor brasileiro diz claramente que “o Menino sofria sofreado” (GUIMARÃES ROSA, op. cit., p.202).

O que marca, contudo, este Menino é a forma como ele lida com a angústia. Ainda que este afeto permaneça sendo um sinal de perigo, uma possibilidade de perda do objeto significativo, há uma possibilidade dele ser transformado pela maneira como o Menino interage com o mundo que o cerca.

A angústia pela ausência materna pode ser aplacada pela própria criança a partir de sua capacidade de interagir com o restante do mundo externo. A ausência efetiva da mãe, em última instância, pode ser a possibilidade de criação de um mundo repleto de novas alternativas e possibilidades. A ausência materna pode ser a possibilidade de entrada, na vida da criança, de novos objetos com os quais ela interage significativamente.

Em 1920, Freud escreveu sobre a observação que fizera de seu netinho durante certo período. Contou ele que, quando a mãe do menino saía de casa, ao invés de protestar, como seria esperado, o menino se punha a brincar um jogo aparentemente inventado por ele mesmo: ele jogava objetos para longe de si e dizia um incompreensível “o-o-o-o-o”, que mais tarde foi interpretado pela mãe e por Freud como sendo o seu jeito de dizer “fort”, advérbio mostrando algo como “longe” ou “foi embora”. Logo depois, a brincadeira ganhou um incremento e, usando um carretel amarrado a um cordão, o menino jogava-o para longe, dizendo o seu “o-o-o-o-o” e depois puxava-o de volta dizendo “da” (aproximadamente “aí está”) alegremente. O menino repetia diversas vezes a mesma brincadeira. Para Freud, a brincadeira da criança representava uma importante renúncia pulsional, uma grande aquisição cultural.

As vivências pulsionais estão presentes no sujeito desde muito cedo, afirma Freud neste mesmo texto. Elas são anteriores ao princípio de prazer e são as principais e mais abundantes fontes das excitações de origem interna. “Elas são as representantes de todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico” (FREUD, 1920/2007, p.158).

Mas as pulsões também são conservadoras, pois tendem a “restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas” (ibidem p.160). A repetição na brincadeira, que também pode ter em si uma busca pelo prazer, pode ser conservadora no sentido de reencontro da identidade, diz Freud. Seria uma tentativa de ligação, de reencontro com algo idêntico (FIGUEIREDO, 1999).

Ora, se Freud diz que a brincadeira de seu neto foi uma renúncia ao pulsional, então há uma suposição de que a brincadeira é um caminho inverso ao da pulsão, ou seja, um caminhar rumo ao novo, em contraposição à conservação. O brincar infantil seria um trabalho, o que remete à forma como Winnicott conceituou o brincar: “brincar é fazer” (WINNICOTT, 1971, p.55).

Para Winnicott, “o brincar *tem um lugar* e um tempo” (idem). O lugar do brincar é o espaço transicional, isto é, o espaço que está entre o interno e o externo, entre o dentro e o fora, entre o Eu e o não-Eu. Winnicott enfatiza que a psicanálise dá vários sentidos ao termo *dentro*. Por sua vez, aquilo que está *fora* pode ser visto como fazendo parte de um mundo repudiado, como sendo o não-Eu, como sendo aquilo que foi identificado pelo indivíduo como sendo externo de fato, ou seja, aquilo que está fora do seu controle onipotente, mágico.

Para lidar com aquilo que está *fora*, portanto, o indivíduo precisa de alguma forma fazer um movimento, não pode contar com a onipotência, situação em que as coisas aconteciam magicamente. Em outras palavras, *fazer algo* é tomar alguma atitude, é ter uma ação em direção a algo, é se movimentar.

Uma compreensão possível, então, à proposta de Winnicott de que “brincar é fazer” é a de que o brincar implica movimento, implica uma ação do indivíduo, implica uma renúncia da onipotência. Brincar é, portanto, uma ação.

Winnicott (ibidem, p.64) chama a atenção para o fato de que o brincar tem sua importância maior no caráter de precariedade que o toma: existe no brincar uma fragilidade no interjogo que se dá “entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais”. O brincar está sempre entre o subjetivo e o que é objetivamente percebido.

No espaço destinado ao brincar, a criança

reúne objetos ou fenômenos provenientes da realidade externa e os usa a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal. Sem alucinar, a criança externaliza uma amostra do potencial onírico e vive com ela em um cenário escolhido formado por fragmentos da realidade externa. (WINNICOTT, 1971, p.68)

Ao brincar, elementos oníricos se presentificam quando fenômenos externos são manipulados a serviço do sonho. “No brincar, a criança manipula fenômenos externos a serviço do sonho e veste fenômenos externos escolhidos com significado e sentimento oníricos” (idem).

## *A TRISTEZA E A TRANSICIONALIDADE*

Para Winnicott, o primeiro momento de tristeza<sup>4</sup> acontece quando a criança se dá conta de que não é mais o centro do universo, quando se dá conta de que não está fundida com a mãe e que ela é um objeto diferente dela. No conto de Guimarães Rosa a retirada do Menino do centro se dá de forma dolorosa, pois o centro passa a ser ocupado pela mãe doente e em risco de morte efetiva.

A tristeza vivenciada pelo Menino pode ser assemelhada a uma tristeza que acompanha o luto. Afinal, o que é o trabalho do luto senão o estabelecimento da realidade? Pois é esse trabalho que o Menino realiza. Mas não o faz sozinho...

Como companhia para a viagem, a Tia leva para o Menino um “bonequinho macaquinho, de calças pardas e chapéu vermelho, alta pluma” (GUIMARÃES ROSA, op. cit., p.201). Era o seu brinquedo preferido, que originalmente ficava sentado em sua escrivaninha, mas que durante o tempo que ficará na cidade em construção será seu companheirinho e não mais ficará estático, sentado e imóvel. Ele ganhará vida própria e passará a acompanhar o Menino aonde quer que este vá.

O Menino tem com o bonequinho macaquinho uma relação especial: ele lhe confere vida – “pudesse se mexer e viver de gente, e havia de ser o mais impagável e arteiro deste mundo” (idem). O bonequinho macaquinho é seu companheiro, “camarada, no travesseiro, de barriguinha para cima, pernas estendidas” (ibidem, p.203) quando dormindo, e enfiado no bolso o restante do tempo.

Ainda dentro do avião, o Menino se questiona se, em razão de sua tristeza, não é o caso de jogar fora o bonequinho macaquinho, tão alegre e engraçado. Ele decide que não. O Macaquinho não merecia maltratos. Mas decide destruir no companheirinho

---

<sup>4</sup> Winnicott segue a tradição e utiliza o termo *depressão* em diversos momentos, mas o sentido que lhe imprime é o de tristeza, termo que será utilizado neste trabalho quando houver referência ao seu uso por este autor.

aquilo que lhe confere a alegria e a graça, decide mudá-lo: arranca-lhe o chapéu de pluma e o joga fora. Pronto, a alegria do Macaquinho também fora embora, como a sua. Agora o Macaquinho também chorava, escondido dentro do bolso da calça do Menino. O Macaquinho agora também era “tão pequeno, sozinho, tão sem mãe” (ibidem, p.202).

De ser inanimado o Macaquinho se transforma, ou melhor, *é transformado* em ser animado, dotado de toda sorte de sentimentos. O Menino é o responsável por sua transformação. Ele é um objeto real, que faz parte do mundo externo, já estava lá antes mesmo da viagem, mas o Menino lhe confere vida em um momento único, no momento em que precisa de um lugar outro, no qual possa lidar com a violência da realidade.

O Macaquinho permite que o Menino experiencie aquilo que Winnicott (1971) chamou de *terceira área da experiência* ou *espaço transicional*. Ele dizia que se existe uma realidade interna, que pode ser rica ou pobre, pode estar em paz ou em guerra, e se existe um mundo externo, há de existir também uma terceira área de experimentação, sobre a qual não se faz nenhuma reivindicação nem exigência, pois ela existe “como um lugar de repouso para o indivíduo dedicado à infinita tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, mesmo que inter-relacionadas” (WINNICOTT, 1971, p.3).

Nessa área é possível encontrar os objetos e os fenômenos transicionais. No conto, o objeto transicional é representado pelo Macaquinho. Ele é uma posse do Menino, que o reconhece como sendo externo a si, como sendo um não-Eu, mas que também pode ser usado como bem lhe aprouver. Dito de outra forma, o objeto transicional não é interno, subjetivo, nem tampouco totalmente externo. Ele é uma posse e como tal existe para ser usado.

O objeto transicional é um símbolo. Ele representa as diversas transições pelas quais o sujeito passa ao longo de toda a sua vida, dentre as quais: a transição de um estado de estar fundido com a mãe e ser independente dela, a mudança de um objeto que é subjetivo para um objeto que é objetivamente percebido, a transição do controle onipotente para o reconhecimento da existência de fenômenos que não se submetem ao controle pessoal e tantas outras transições.

O objeto transicional, em um primeiro momento, é um símbolo da união da criança com a mãe. Sua importância, contudo, não está tanto em seu valor simbólico, afirma Winnicott (1971), mas em sua própria realidade. A realidade do objeto tomado como transicional possibilita que o sujeito o destrua e o coloque fora da sua área de controle onipotente, dando-lhe o valor de um objeto em si mesmo.

Para ser usado, o objeto precisa efetivamente fazer parte do mundo real compartilhado, do contrário não passa de um feixe de projeções. Quando tem a posse de um objeto, o indivíduo age com ele como um objeto que pertence à realidade. O indivíduo abre mão da onipotência, do pensamento mágico e imprime no objeto uma ação motora. É possível dizer que o indivíduo destrói o objeto para reconstruí-lo. Ora, não é isso que o Menino faz com o Macaquinho quando lhe diz como ele deve se sentir e como deve estar vestido para estar condizente com seu próprio humor?

O objeto com o qual o Menino se relaciona é um objeto modificado pela sua fantasia. Não se trata do Macaquinho entregue pela Tia, mas do Macaquinho que foi por ele modificado em razão de seu humor depressivo, em razão de sua tristeza. O Macaquinho com o qual o Menino se relaciona é aquele que sobreviveu ao seu ataque, que sobreviveu à destruição, que não retaliou.

A destruição do objeto para Winnicott tem diferente sentido da destruição do objeto como deslocamento da pulsão de morte, como postula Freud. Para este, a destruição do objeto é resultado do ódio deslocado do próprio Eu para o objeto externo; para aquele, a destruição do objeto tem por objetivo a possibilidade de criação do mundo e a possibilidade de vivência do sujeito neste mundo reconstruído por ele.

À relação de transformação e sobrevivência do objeto, Winnicott vem acrescentar que muitas vezes o objeto transicional é utilizado quando a ansiedade depressiva se apresenta, como uma defesa contra ela. Isso implica dizer que a criança reconhece a existência de uma ambivalência em si, ambivalência esta que originalmente era dirigida à mãe, e que a constância, ou a sobrevivência do objeto transicional é uma garantia da sobrevivência dos demais objetos ao seu investimento, seja ele agressivo, seja ele amoroso.

Em outras palavras, a relação que a criança mantém com os objetos que lhe são significativos, em particular com a mãe, tem marcas tanto da impulsividade excitada, quanto da tranquilidade. Aos olhos da criança, em um primeiro momento, existem duas mães, uma que é alvo da agressividade, da impulsividade, e outra que é alvo da tranquilidade. Uma mãe é destruída enquanto outra é profundamente amada.

Uma integração dos objetos parciais em objetos totais (das mães parciais em uma mãe total), ou, em outras palavras, o reconhecimento das pessoas enquanto indivíduos inteiros, acontece graças ao suporte que é dado, pela mãe, à percepção da criança da coexistência de impulsos ambivalentes em si. A criança entra em conflito com o fato de existirem, ao mesmo tempo, um impulso amoroso e ideias destrutivas dirigidas a um mesmo objeto que lhe é significativo: a mãe. Winnicott (1958a/1965, p.22) lembra que “o impulso amoroso primitivo tem um objetivo agressivo; sendo



impiedoso (*ruthless*), ele carrega consigo uma grande variedade de ideias destrutivas que não são afetadas pela preocupação (*concern*)”.

Em pouco tempo, essa criança amadurece o suficiente para se preocupar com a mãe. Tal preocupação é resultado do amor que a mãe lhe dispensa quando da vivência intensa dos momentos instintuais. Em outras palavras, a mãe suficientemente boa é capaz de se manter amorosa e dar ao bebê tempo suficiente para que ele perceba que o objeto que ele ataca impiedosamente também é o objeto que dele cuida diuturnamente. Nesse momento a criança tem duas preocupações: a primeira, com o efeito provocado por seus ataques à mãe; a segunda, quanto à predominância em si mesma de satisfação ou insatisfação e raiva.

A sobrevivência da mãe à vivência instintiva do bebê é condição *sine qua non* ao seu desenvolvimento psíquico saudável. A destruição da mãe, ou do objeto, mais que uma manifestação da pulsão agressiva, é o desenvolvimento da possibilidade e da capacidade de usar criativamente o objeto. A sobrevivência do objeto é a garantia de que a criatividade pessoal pode ter continuidade.

À função de funcionamento enquanto um ego auxiliar se agrega à mãe, nesse momento, a função de sustentação temporal do bebê, a fim de que ele consiga elaborar as consequências de suas experiências instintivas. Freud (1917) ponderou que o fator temporal no luto teria a função de fazer com que cada lembrança que vinculava a libido ao objeto fosse trazida à consciência e recebesse um novo investimento. De forma análoga, na posição depressiva, ao sustentar a temporalidade, a mãe dá ao bebê tempo para que ele tenha esperança de que novas ligações sejam feitas, de que o ódio e o amor coexistentes atinjam um estado tal que se tornem distintos um do outro e se inter-relacionem de forma controlável e saudável, psiquicamente falando.

A experiência pulsional provoca dois tipos diferentes de angústia no bebê. Primeiramente, a angústia que diz respeito ao objeto do amor pulsional, ou seja, à mãe, percebida como sendo diferente de antes. “Se quisermos, poderemos usar palavras para descrever o que sente o bebê, dizendo: há um buraco onde antes havia um corpo cheio de riquezas” (WINNICOTT, 1954/2000, p.363). A outra angústia diz respeito ao interior do bebê. “A experiência pela qual ele acabou de passar o leva a sentir-se diferente de como se sentia antes” (idem).

A consequência é que ao final da elaboração, o bebê será capaz de dar à mãe coisas boas e coisas ruins, ao mesmo tempo em que esta mãe será capaz de receber a estes dois conjuntos de coisas que o bebê está dando a ela e distingui-los. Em outras palavras, há que se ter alguém para receber tudo aquilo que o bebê produz e elabora dentro de si. “O gesto de doação pode vir a alcançar o buraco, se a mãe fizer a sua parte” (ibidem, p.365).

A restituição e reparação, portanto, dizem respeito àquilo que o bebê é capaz de realizar quanto ao buraco imaginado por ele no corpo da mãe, na medida em que esta é capaz de receber aquilo que ele a está oferecendo. Daí a extrema importância do papel da mãe nesse momento enquanto aquela que sustenta o tempo, que é capaz de esperar pelo tempo do bebê. Essa mãe é consistente e mantém uma atitude igualmente consistente durante um tempo não determinado, mas suficiente, a fim de permitir que a criança “experimente repetidamente as ansiedades ligadas aos impulsos instintivos, e a elaboração em seguida às experiências, e a retomada da relação com a mãe após os períodos de elaboração” (WINNICOTT, 1990, p.176).

O estado ou humor depressivo nesse momento serve como uma espécie de calmante ao bebê. Durante o tempo que seu efeito durar, o controle mágico do objeto é

gradualmente suspenso e os resultados da experiência se organizam. Quando o humor melhora, o mundo interno volta à vida, afirma Winnicott. Semelhantemente, quando o processo de luto é concluído, diz Freud, o Eu se torna livre e volta a funcionar sem inibições.

Como conseqüências, ocorre o fortalecimento do relacionamento entre a criança e sua mãe e a capacidade cada vez maior da criança em tolerar o buraco, resultado do amor pulsional. Essa é a origem primeira, segundo Winnicott (1954/2000; 1958a/1965), do chamado sentimento de culpa. Mais ainda: essa é a verdadeira culpa, pois implica a coexistência do amor e do ódio, bem como a associação entre ansiedade e ambivalência. A possibilidade de reparação é um importante aspecto não só do relacionamento da criança pequena para com a mãe, mas também é um aspecto fundamental do relacionamento do indivíduo com o mundo que o cerca. O sentimento de culpa, segundo esse autor, seria “uma das fontes da potência e da construtividade sociais e também do desempenho artístico (mas não da arte em si mesma, cuja origem é mais profunda)” (WINNICOTT, 1954/2000, p.365).

Tanto a posição depressiva quanto o sentimento de culpa são conquistas do indivíduo.

Na operação do círculo benigno, a compaixão torna-se tolerável para o bebê através do reconhecimento recém-despertado de que, havendo tempo, algo *pode* ser feito a respeito do buraco e das várias conseqüências dos impulsos do Id sobre o corpo da mãe.

O impulso, assim, adquire mais liberdade, e riscos maiores podem ser corridos. Uma culpa maior é assim gerada, mas se segue também uma intensificação da experiência instintiva com sua elaboração imaginativa, levando à constituição de um mundo interno mais rico, que por sua vez acarreta um potencial de doação maior. (ibidem, p.366)

Cabe frisar: ao longo da posição depressiva do desenvolvimento, o Eu não é esvaziado. Ao contrário, ele é enriquecido pela sobrevivência do objeto externo. É pela

vivência da tristeza desse momento que o indivíduo se reconhece como tendo um interior capaz de sentir. É por essa experiência que o indivíduo pode dizer *Eu Sou* (WINNICOTT, 1968/1999).

Isso, no entanto, não significa afirmar que a vivência da posição depressiva não seja angustiante, porque ela é. A possibilidade de perder o objeto amado é avassaladora, conforme relata o Menino (GUIMARÃES ROSA, op. cit., p.202):

Se encarasse pensamento na lembrança da Mãe, iria chorar. A Mãe e o sofrimento não cabiam de uma vez no espaço de instante, formavam avesso – do horrível do impossível.

(...)

O Menino sofria sofreado.

#### **A EXPERIÊNCIA TRANSICIONAL NA RADICALIDADE DA PERDA**

13 de julho de 1977: “Pensamentos sombrios, medo, angústia: vejo a morte de um ente querido, me desnorтеio” (apud CALVET, 1993, p.246). Esta é a frase escrita por Roland Barthes em seu diário poucos meses antes da morte de sua mãe. Momento de angústia, de proximidade a um estado de desamparo, de solidão essencial, de abandono. A morte da mãe não é apenas simbólica, é real. Não é a ausência física da Mãe do Menino. É a impossibilidade de tê-la novamente junto de si.

O biógrafo que escreve a vida do filósofo, anos depois de sua morte, diz que “todos os amigos pressentiram uma catástrofe na vida de Barthes com esta perda, pois ela era uma presença insubstituível, um elemento essencial na vida dele” (CALVET, 1993, p.249). De fato, o próprio Barthes (1984, p.113) confidencia:

Pois eu perdi não uma Figura (a Mãe), mas um ser; e não um ser, mas uma *qualidade* (uma alma); não a indispensável, mas a insubstituível. Eu podia viver sem a Mãe (todos vivemos, mais cedo ou mais tarde); mas a vida que me restava seria infalivelmente e até o fim *inqualificável* (sem qualidade).

Sentado no apartamento em que viveu tantos anos ao lado da mãe, Barthes revê fotos. Fotos de sua mãe. Objetos reais, concretos, que fazem parte de um mundo externo dilacerante. Um mundo que o tempo todo lhe relembra a ausência da mãe. A dor da perda da mãe. A dor da perda de si. Ele apenas as percorria, mas não as contemplava nem mergulhava nelas. Eram apenas objetos. Não eram posses. A mãe não estava ali. A mãe não podia ser representada ali. Não a sua mãe, pelo menos.

Cada foto lembrava a dolorosa ausência, da mãe e de si. “Eu lia minha inexistência nas roupas que minha mãe tinha usado antes que eu pudesse me lembrar dela” (ibidem, p.97). A ameaça da desintegração. A realidade de uma ausência. Sem lugar para relaxar. Apenas o desejo...

Reconhece, então, objetos nas fotos que lhe são familiares, como se lhe dessem uma esperança de descanso, de reintegração:

Para ‘reencontrar’ minha mãe, (...) é preciso que, bem mais tarde, eu reencontre em algumas fotos os objetos que ela tinha sobre sua cômoda, uma caixa de pó-de-arroz de marfim (eu gostava do ruído da tampa), um frasco de cristal bisotado, ou ainda uma cadeira baixa (...), ou ainda os tecidos de ráfia que ela dispunha sobre o sofá, as grandes sacolas de que ela gostava (...). (idem)

Alguns objetos, mas não eram os seus objetos, ainda. Eram os objetos de sua mãe. Traziam-lhe a sua lembrança, mas ainda não eram seus. Continua então sua busca. Uma busca por um lugar de conforto. Uma busca por uma posse, pela *sua* mãe.

E, então, ei-la.

A fotografia era muito antiga. Cartonada, os cantos machucados, de um sépia empalidecido, mas deixava ver duas crianças de pé, formando grupo, na extremidade de uma pequena ponte de madeira em um Jardim de Inverno com teto de vidro. (...) Observei a menina e enfim reencontrei minha mãe. (ibidem, p.101-2)

Um objeto lhe foi dado pela mãe, mas é ele quem o cria. Este é o objeto transicional. Um objeto paradoxal, criado por dois, capaz de acalmar, de manter presente uma ausência.

Esse também é o fenômeno transicional, pois com o tempo já não se trata mais de um objeto, mas de uma lembrança. Uma lembrança construída, dado que a lembrança da foto pertencia à infância da mãe, mas foi nela que Barthes encontra seu lugar de descanso: “por uma vez, a fotografia me dava um sentimento tão seguro quanto a lembrança” (ibidem, p.104).

Barthes (ibidem, p.107) usa as fotos como bem lhe apraz: “remontei uma vida, não a minha, mas a de quem eu amava”. Ele não percorre as fotos em ordem cronológica direta, mas do fim para o começo. Talvez seja possível pensar que o fim o assusta, ameaça seu estado de integração. Um estado mantido sempre à custa de árduo labor.

Mas... e a foto criada? Por que não compartilhá-la com os leitores? Porque a experiência transicional é única.

Não posso mostrar a Foto do Jardim de Inverno. Ela existe apenas para mim. Para vocês, não seria nada além de uma foto indiferente, uma das mil manifestações do ‘qualquer’; ela não pode em nada constituir o objeto visível de uma ciência; não pode fundar uma objetividade, no sentido positivo do termo; quando muito interessaria ao *studium* de vocês: época, roupas, fotogenia; mas nela, para vocês, não há nenhuma ferida. (ibidem, p.110)

Esse espaço transicional se mantém, segundo Winnicott (1951/2000, p.331), pela vida afora “como o lugar das experiências *intensas*<sup>5</sup> no campo (...) do trabalho científico criativo”. Não cabe a ele nenhuma reivindicação, mas podemos perceber na experiência transicional do outro sobreposições das nossas próprias experiências.

---

<sup>5</sup> Grifo nosso.

O fenômeno transicional é um paradoxo: “a partir de então, eu devia aceitar misturar duas vozes: a da banalidade (dizer o que todo mundo vê e sabe) e a da singularidade (salvar essa banalidade de todo o ardor de uma emoção que só pertencia a mim)” (BARTHES, op. cit., p.114).

### CAPÍTULO 3

#### FENÔMENO E MOVIMENTO: O TRABALHO DO OLHAR.

*“Nada é mais difícil do que saber ao certo o que nós vemos.”*

*Merleau-Ponty*

“O termo *objeto transicional* destinou-se a conceder significância aos primeiros sinais, no bebê em desenvolvimento, da aceitação de um símbolo” (WINNICOTT, 1994, p.36). Mediante a ausência do objeto primordial, o sujeito aceita um símbolo, algo que se apresenta no lugar do objeto ausente. Essa aceitação somente é possível porque o sujeito desenvolveu uma relação de confiança com o objeto simbolizado pelo objeto substituto. De modo geral, este objeto primordial é a mãe suficientemente boa que começa a sair da posição de devoção primária ao bebê e voltar a ter uma vida pessoal, dando ao bebê, a partir de sua ausência, espaço para que ele possa desenvolver seu potencial criativo.

A criança, por sua vez, só é capaz de desenvolver o seu potencial criativo na ausência da mãe, se esta, quando presente, pôde aceitar o gesto espontâneo da criança em sua direção. É somente porque houve essa aceitação que o sujeito desenvolve a segurança de poder direcionar o gesto criativo ao mundo que o cerca, no qual está mergulhado.

O movimento criativo do bebê no mundo faz com que a presença da mãe, objeto primordial, não seja mais imperativa, ainda que por um curto espaço de tempo. O bebê pode usar um objeto secundário, um símbolo, para ocupar este espaço entre a ausência e



a presença materna. De início, esse símbolo se materializa na figura de um objeto (o macaquinho, no caso do conto de Guimarães Rosa), por isso a denominação *objeto transicional*.

O objeto transicional, portanto, é um símbolo usado para lembrar ao sujeito, principalmente, a relação que existe entre ele e a mãe. O exercício dessa função pelo objeto é importante porque a criança muito pequena ainda não tem a capacidade de reter por um período de tempo muito longo a lembrança da mãe. O objeto transicional presentifica, portanto, aquilo que está ausente. Em casos extremos (de uma psicopatologia), o objeto transicional também é usado para negar a ausência.

Para Winnicott, o objeto transicional coloca algumas coisas significativas em relevo. Em primeiro lugar, que o simbolizado é mais importante que o símbolo propriamente. Dito de outra forma, o objeto em si não é tão importante quanto aquilo que ele representa. Em segundo lugar, a postura do sujeito diante do objeto é mais importante que aquilo que o objeto representa. Isto é, a maior importância de fato implicada no objeto transicional está na atitude do sujeito, no uso que ele faz do objeto.

Contudo, não basta apenas ser um objeto. É necessário ser um objeto *transicional*. A palavra transicional qualifica o objeto, implicando-lhe a noção de movimento, algo que Winnicott (2005) fazia questão de não perder de vista. Conseqüentemente, o objeto transicional deve ser provocador de algum tipo de movimento no sujeito que tem sua posse. No caso do conto de Guimarães Rosa, o macaquinho facilitou ao Menino a passagem por algo semelhante ao trabalho do luto e ele foi capaz de tolerar melhor a ausência da mãe e o iminente risco de perdê-la.

Winnicott tinha um estilo de escrita muito peculiar. Em geral, seus textos são convites ao diálogo com o leitor ou – como acontecia quando lia seus trabalhos nas

reuniões da Sociedade Britânica de Psicanálise – bem como em outros encontros nos quais era um dos palestrantes, um convite ao diálogo com a plateia. Um exemplo desse convite pode ser visto em uma de suas palestras, proferida em 1959 e que termina da seguinte forma: “*Gostaria muitíssimo de escutar as reações de vocês*”<sup>6</sup> a esta ideia de uma terceira área de experiência, de sua relação com a vida cultural e da derivação, por ela sugerida, dos fenômenos transicionais da primeira infância” (WINNICOTT, 1959/1994, p.48).

A dedicatória de seu último livro, publicado postumamente, “O brincar e a realidade”, é uma espécie de declaração de seu prazer em trabalhar em conjunto, de sempre se colocar em uma posição de disponibilidade à aprendizagem: “Aos meus pacientes que pagaram para me ensinar” (WINNICOTT, 1971).

Winnicott tinha a preocupação de ser criativo, de poder ter ideias próprias e poder colocar em suas próprias palavras algo que se desenvolvia a partir de sua evolução e da sua experiência analítica, mesmo vivendo em um ambiente científico cujo objetivo era estabelecer uma linguagem comum.

Sempre interessado em aprender não só com seus pacientes, mas também com aqueles de seu círculo científico, Winnicott sofreu influência na constituição de seu pensamento de diversos autores, ainda que lhe fosse assumidamente difícil localizar tais influências em seu pensamento formalizado pela escrita. Ele deixou isto bem claro desde o princípio:

Não pretendo apresentar em primeiro lugar uma resenha histórica, mostrando o desenvolvimento de minhas ideias a partir das teorias de outras pessoas, porque minha mente não funciona dessa maneira. O que ocorre é que eu junto isto e aquilo, aqui e ali, volto-me para a experiência clínica, formo minhas próprias teorias e então, em último lugar, passo a ter interesse em descobrir de onde roubei o quê. Talvez este seja um

---

<sup>6</sup> Grifo nosso.

método tão bom quanto qualquer outro. (WINNICOTT, 1945/2000, p.218)

Quatro anos antes de sua morte, em 1967, Winnicott foi convidado a falar em uma reunião de analistas britânicos mais antigos (Clube 1952) sobre a relação existente entre a sua própria teoria e outras formulações de desenvolvimento anterior. Os organizadores de sua obra, responsáveis pela transcrição dessa palestra, ressaltam que “isto lhe forneceu oportunidade de passar em revista cronológica o desenvolvimento de suas ideias e falar a respeito daqueles cujo trabalho achava tê-lo influenciado em diversos estágios” (WINNICOTT, 1967/1994, p.433).

Já de início, na inauguração de sua fala, Winnicott assume aquilo que já havia declarado vinte anos antes, inserindo um tom que pareceria ser de lamento:

À medida que o tempo ia passando, dei-me conta cada vez mais de quanto eu havia perdido por não haver correlacionado apropriadamente o meu trabalho com o trabalho dos outros. Isso é não apenas irritante para as outras pessoas, mas é rude também, e significou que o que eu disse ficou isolado e as pessoas tiveram de dar-se a um monte de trabalho para chegar a ele. Acontece que é esse o meu temperamento e constitui uma grande falha. (ibidem, p.437).

Winnicott tinha o cuidado de manter a linguagem viva, isto é, de não se tornar um mero repetidor daquilo que já estava estabelecido no meio psicanalítico. Ele tinha a preocupação de compreender o que dizia, de experienciar tudo aquilo que escrevia, de não utilizar nem tampouco sedimentar uma linguagem morta. A originalidade lhe era fundamental. Ele defendia que as pessoas fizessem descobertas a sua própria maneira e apresentassem aquilo que descobrissem em sua própria linguagem (WINNICOTT, 1952/2005).

A originalidade de Winnicott se mostra ao longo de sua obra de maneira inegável, mas ela se faz particularmente presente nos estudos sobre a transicionalidade. Nesse ponto, especificamente, as influências de outros autores não são buscadas, pois é

certo que os maiores influenciadores do psicanalista inglês para o desenvolvimento dessa temática foram, sem dúvida, os bebês que passaram por suas mãos tanto no exercício da pediatria, quanto na prática psicanalítica. Por outro lado, a interlocução com outras pessoas sobre esta contribuição pareceu ser primordial para Winnicott.

Antes de ler o ensaio que tinha por título “Objetos transicionais” diante da Sociedade Britânica de Psicanálise (ensaio este publicado posteriormente com o nome de “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”), Winnicott enviou uma carta a James Strachey perguntando se havia a possibilidade de que ele lesse o esboço já feito para que ambos pudessem discuti-lo (carta datada de 1º de maio de 1951). Pouco mais de dois anos depois, em carta destinada a Money-Kyrle, Winnicott reconhece o valor de sua interlocução na elaboração do tema da transicionalidade, lembrando que a sugestão da palavra *intermediária* havia sido feita por ele durante a discussão do ensaio.

O diálogo tinha para Winnicott o valor de um gesto criativo que busca no outro o acolhimento, o encontro. Ele fala sobre isso em uma carta dirigida a Melanie Klein, poucos dias após a leitura de um texto seu diante da Sociedade Psicanalítica Britânica:

O que eu queria na sexta-feira era sem dúvida que houvesse algum movimento da sua parte para com o gesto que fiz naquele ensaio. Trata-se de um gesto criativo, e não posso estabelecer relacionamento algum através desse gesto se ninguém vier ao seu encontro. (WINNICOTT, 1952/2005, p.43)

Um interlocutor que se mostrou capaz de receber o gesto criativo de Winnicott foi Lacan, psicanalista francês responsável pela tradução do texto sobre os objetos transicionais para essa língua, provavelmente em 1960. Os dois psicanalistas, juntamente com suas famílias, pareciam verdadeiramente ter um relacionamento amigável, tendo isso sido registrado em cartas que datam desse mesmo ano. Lacan, por sua vez, tinha grande amizade pelo filósofo francês Merleau-Ponty, mas não há registros

de que tenha intermediado algum contato entre este e Winnicott. De fato, mais afeito à literatura e à música que à filosofia, pela qual tinha confessa aversão (BOLLAS, citado por GRAÑA, 2007), é possível que Winnicott nunca tenha sequer lido os escritos de Merleau-Ponty, da mesma forma que o inverso também seja verdadeiro.

De todo modo, Winnicott e Merleau-Ponty têm mais em comum que o fato de terem sido contemporâneos. É certo que as teorizações de ambos têm proximidade e tornam possível uma interlocução, ainda que póstuma. Isso foi sinalizado, já em 1971, pelo psicanalista francês Pontalis, o qual chamou a atenção em um artigo escrito em uma revista francesa dedicada a Merleau-Ponty para o fato de que havia uma

aproximação entre o trabalho [de Winnicott e Merleau-Ponty], imediatamente perceptível no apreço comum por certos temas como o papel do *ser vivente* na análise das fontes da vida subjetiva, a importância central da *ação* na constituição da experiência do eu e da realidade, e na maneira como, por caminhos diferentes e que não chegaram se cruzar, o trabalho de ambos pode ser compreendido como um esforço para afastar a psicanálise e a filosofia da sombra dos dualismos tradicionais entre mente e corpo, interno e externo, matéria e significação. (BEZERRA JR., 2007, p.35-36)

O diálogo entre Winnicott e Merleau-Ponty, sendo estabelecido por terceiros, deve ser feito de forma cuidadosa, alerta Bezerra Jr., uma vez que, mesmo havendo convergências, também há divergências no pensamento de ambos, até mesmo pelas diferentes formações. Conhecedor da psicanálise, Merleau-Ponty ocupava-se “em produzir um pensamento sistemático que revitalizasse a filosofia da existência e da experiência” (ibidem, p.57). Winnicott, por outro lado, tinha por interesse primordial a experiência clínica e “a teorização era a sua maneira de dar sustentação às intuições originadas da prática clínica e às inovações técnicas que ele preconizou” (idem).

Winnicott leva em conta, primordialmente, a compreensão do indivíduo, de forma singular, seja ele na clínica, seja em seu meio social, enfatiza Bezerra Jr. (ibidem,

p.58), enquanto Merleau-Ponty, por outro lado, “toma a análise de vivências individuais como base para uma descrição mais generalizada da experiência humana, da relação do ser com o mundo”.

Não há a pretensão aqui de se fazer uma extensa comparação entre as ideias dos dois autores, mas antes permitir que ambos dialoguem, juntamente com Guimarães Rosa, acerca das relações possíveis entre o movimento e a transicionalidade.

### **O OLHAR ENQUANTO FENÔMENO TRANSICIONAL: O MOVIMENTAR-SE NO MUNDO**

O objeto transicional costuma com frequência dar lugar ao fenômeno transicional, o qual, apesar de ter os mesmos princípios que o primeiro, tem como diferencial a não necessidade da materialização do símbolo. Outros elementos não materiais ou concretos se apresentam como símbolos, como, por exemplo, o olhar, o pensar, a distinção de cores, a exploração de movimentos e sensações corporais, etc.

Esses símbolos que se desenvolvem no espaço potencial representam, a um só tempo, fenômenos do mundo externo e fenômenos do mundo interno, particulares ao sujeito (WINNICOTT, 1960/1984), e são usados a partir da possibilidade de brincar criativamente. “Os símbolos são necessários não apenas para a comunicação com o mundo externo, mas também na comunicação interior”, afirma Segal (1993, p.55).

Merleau-Ponty afirmava que o fenômeno não é um atributo do mundo objetivo, indo além dele. Por outro lado, o fenômeno também não é mundo interno, estado de consciência ou fato psíquico.

O que é, então, o fenômeno para o filósofo? Ele é *a experiência viva que permite ao indivíduo o contato que leva à construção do conhecimento*. O fenômeno diz

respeito ao indivíduo e é por ele, por seu intermédio, que o mundo externo, o não-Eu, usando o termo psicanalítico, é conhecido: o fenômeno consiste na “camada de experiência viva através da qual primeiramente o outro e as coisas nos são dados, o sistema ‘Eu-Outro-as coisas’ no estado nascente” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.90). Desta forma, a ideia de fenômeno para Merleau-Ponty diz respeito à experiência que o indivíduo vivencia na relação com o mundo que o cerca, uma experiência viva, que produz efeito nele.

A característica fundamental do fenômeno, para o filósofo, é que sua vivência não seja assolada por prejuízos, isto é, que a experiência vivenciada esteja livre de pré-julgamentos feitos pelo sujeito. O que há é tão somente a experiência, a surpresa vertiginosa provocada pela vivência.

No conto de Guimarães Rosa, após chegar à casa na cidade em construção, o Menino passa o dia com o Tio. À noite, tenta dormir, mas não para de pensar na Mãe. O macaquinho, companheiro, sempre ao seu lado. No dia seguinte, naquele momento em que não estava exatamente dormindo, mas também não estava totalmente acordado, pensamentos invadem o seu íntimo, como “uma espécie de cinema” (GUIMARÃES ROSA, 2005, p.203).

A sua certeza era a de “que a gente nunca podia apreciar, direito, mesmo, as coisas bonitas ou boas, que aconteciam” (idem). Fosse porque essas coisas aconteciam quando a pessoa está desprevenida e não há tempo, devido ao despreparo, de apreciar o que se apresenta. Fosse porque, quando esperadas, as coisas não são tão boas assim. Fosse porque, ao lado das coisas boas as coisas ruins também marcassem sua presença e, mais que isso, sobrepusessem-se às boas. Fosse porque as coisas boas tinham hora para acabar, não duravam para sempre.

O que fazer diante de um real que, segundo o pensamento desta criança, não poderia ser experienciado? A ausência da mãe, figura tão importante ao Menino, parece lançá-lo em um turbilhão de desesperança vital. A fantasia, neste caso específico tendo o sentido de devaneio, fazia com que ele não tivesse ânimo para experienciar, para criar o mundo que estava lá exatamente para ser criado. “O fantasiar<sup>7</sup> interfere na ação e na vida no mundo real ou externo, mas interfere muito mais quando o faz no sonho e na realidade psíquica individual, ou interna, o âmagô vivo da personalidade individual” (WINNICOTT, 1971, p.43). Quem estaria lá de fato para aceitar o seu gesto criativo?

O seu olhar parece, nesse momento, tão voltado para a sua dor que a visão do mundo que o cerca talvez parecesse impossível. A sua dor era determinante da interação com o mundo: não podia haver interação. Sendo assim, é possível que o fantasiar servisse mesmo como uma defesa contra uma realidade aparentemente tão dolorosa.

Contudo, se por um lado a realidade externa pode ser extremamente dura, frustrante e dolorosa, há momentos em que ela pode ser reconfortante, oferecer alívio e satisfação, lembra Winnicott (1945/2000). Neste momento, em particular, ficar na cama entregue aos seus pensamentos e às suas fantasias (devaneios) fez com que o Menino se angustiasse. “O subjetivo é tremendamente valioso, mas é tão alarmante e mágico que não pode ser usufruído, exceto enquanto um paralelo ao objetivo” (WINNICOTT, 1945/2000, p.228). Dito de outra forma, há momentos em que existe a necessidade efetiva de um objeto real, externo ao sujeito que possa ser usado a fim de que a própria criação interna, a fantasia, não seja devastadora ao indivíduo. O mundo externo é capaz de enriquecer as vivências do mundo interno do indivíduo a partir do seu uso da ilusão. O real pode, então, ser mais acalentador que a fantasia.

---

<sup>7</sup> Winnicott utilizou a palavra fantasia neste ensaio lhe dando o significado de devaneio.



Não suportando mais ficar na cama, tomado por tais pensamentos, o Menino se levanta e vai ao alpendre da casa. É quando ele é arrebatado por uma visão inesperada:

E: – “*Pst!*” – apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro – depois de seu voo. Seria de ver-se: grande, de enfeites, o bico semelhante flor de parasita. Saltava de ramo em ramo, comia da árvore carregada. Toda a luz era dele, que borrifava-a de seus coloridos, em momentos pulando no meio do ar, estapafrouxo, suspenso esplendidamente. No topo da árvore, nas frutinhas, tucó, tucó... daí limpava o bico no galho. E, de olhos arregaçados, o Menino, sem nem poder segurar para si o embevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três. No ninguém falar. (...) O tucano parava, ouvindo outros pássaros – quem sabe, seus filhotes – da banda da mata. O grande bico para cima, desferia, por sua vez, às uma ou duas, aquele grito meio ferrugento dos tucanos: – “*Crrée!*”... O Menino estando nos começos de chorar. Enquanto isso, cantavam os galos. O Menino se lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou todas as pestanas. (GUIMARÃES ROSA, op. cit., p.204)

O real se apresenta ao Menino e acaba por contestar tudo aquilo que ele pensava quando meio dormindo, meio acordado. A visão do tucano provoca nele sensações novas, avassaladoras. Sim, ele podia mesmo apreciar, direito, as coisas bonitas e boas que aconteciam. Ele podia ser tomado de surpresa. Ele podia apreciar. “Experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais”, afirma Winnicott (1971/2005, p.86). O Menino experimentou a vida.

O Menino experienciou um fenômeno e ele era transicional. Winnicott teve a preocupação de nunca deixar escapar o fato de que a transicionalidade traz em si mesma a ideia de movimento, não sendo, portanto, algo estático. O olhar lançado sobre o tucano dá à experiência vivenciada a condição de fenômeno transicional porque retira o Menino da posição até então ocupada durante a realização do trabalho do luto pela ausência da mãe, posição de ensimesmamento, e provoca o retorno do seu olhar para o mundo não-Eu.

O fenômeno, quando transicional, remete à experiência que, para Winnicott (1952/2005, p.53), “é um trafegar constante na ilusão, uma repetida procura da interação entre a criatividade e aquilo que o mundo tem a oferecer. A experiência é uma conquista da maturidade do ego, à qual o ambiente fornece um ingrediente essencial”. Os fenômenos transicionais, afirma esse mesmo autor (1971), são representantes dos primeiros estágios do uso da ilusão.

Não se trata de uma regressão ou de um desejo de regressão a um estágio em que o mundo externo não era reconhecido como tal e havia uma espécie de “coincidência” entre aquilo que o indivíduo alucinava e aquilo que o mundo externo apresentava a ele. Esse estágio diz respeito ao controle mágico do mundo, ao exercício da onipotência. O uso da ilusão no espaço potencial, no qual os fenômenos transicionais são constituídos, diz respeito antes à maneira como o indivíduo se relaciona com o mundo externo, isto é, à criatividade do sujeito.

O uso da ilusão implica a crença de que é possível estabelecer contato com o mundo externo, de que é possível usá-lo, usar aquilo que se apresenta ao indivíduo. Trata-se, possivelmente, daquilo que Winnicott chamou de ilusão de contato, no qual há a crença de que o indivíduo contribui em algo para o ambiente e vice-versa, quando, de fato, “o indivíduo apenas se comunica com um mundo autoinventado, e as pessoas no ambiente apenas se comunicam com o indivíduo na medida em que podem criá-lo” (WINNICOTT, 1952/2005, p.53).

Este tipo de relacionamento com o mundo remete ao trauma, rompendo a idealização e provocando alguma reação do sujeito. O estímulo advindo do mundo externo não se comporta da forma como o sujeito onipotentemente esperava que ele se comportasse. Antes, encontra uma espécie de guarida no mundo interno do sujeito, o

qual, por meio de experiências suficientemente boas anteriormente vividas, tem confiança suficiente no mundo para permitir o estabelecimento do contato. Algo se estabelece entre o sujeito e o mundo, entre o sujeito e o objeto externo de tal forma que provoca alguma ligação entre ambos. É somente então, quando algo se interpõe entre ambos, que o sujeito pode desfrutar a ilusão onipotente do contato, da criação.

O objeto não-Eu não se impõe ao sujeito. O que ocorre é um encontro. E este encontro só se dá porque o sujeito se movimenta em direção ao objeto não-Eu, como que acenando em sua direção. Espontaneamente, o sujeito faz um gesto em direção ao objeto. Espontaneamente, o Menino olha para o tucano.

Merleau-Ponty afirmou que “a visão depende do movimento. Só se vê o que se olha” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.16). A visão, portanto, segundo o entendimento do filósofo, não é uma operação do pensamento, mas uma propriedade do corpo. O sujeito que vê não se apropria daquilo que é visto, porque o que existe é um entrelaçamento: o sujeito que vê o faz a partir do seu próprio corpo, ele próprio objeto de visão do sujeito. Em outras palavras, o sujeito ao mesmo tempo em que é vidente é também visível. O movimento que faz com que o sujeito se aproxime daquilo que é visível é o olhar, aquilo que se abre ao mundo. O movimento do sujeito que olha não provoca uma mudança de lugar, sendo antes “a sequência natural e o amadurecimento de uma visão” (idem). A um só tempo, o corpo se move e o movimento se desenvolve.

“A visão é tomada ou se faz do meio das coisas, lá onde persiste (...) a indivisão do senciante e do sentido”, afirma Merleau-Ponty (ibidem, p.17). A visão está na transicionalidade, ao mesmo tempo em que é a própria transicionalidade. A visão constrói a transicionalidade. A visão implica um dentro e um fora. A visão revela, enfim, o paradoxo.

Um corpo humano está aí quando, *entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um olho e outro, entre a mão e a mão se produz uma espécie de recruzamento*<sup>8</sup>, quando se acende a faísca do senciente-sensível, quando se inflama o que não cessará de queimar, até que um acidente do corpo desfaça o que nenhum acidente teria bastado para fazer. (ibidem, p.18)

Merleau-Ponty ressaltou que as propriedades daquilo que é visto (qualidade, luz, cor, profundidade) somente são de fato percebidas porque despertam eco no corpo daquele que vê, uma vez que o vidente acolhe o que é visto. O olhar se dá por um órgão independente: o olho, o qual, segundo o filósofo, inventa seus fins, sendo tão somente algo que foi sensibilizado por algum impacto externo, advindo do mundo que cerca o sujeito. O impacto é no corpo, provocando sensações, alterando a percepção.

É possível que o primeiro olhar que o sujeito lance ao mundo externo encontre como objeto a ser visto o rosto materno. Winnicott diz que este olhar é fundamental para a apercepção do sujeito. Em outras palavras, espera-se que o sujeito olhe para o rosto da mãe e veja o seu próprio reflexo nele. O rosto da mãe, funcionando como espelho, permite que o indivíduo se reconheça. Trata-se de receber de volta aquilo que ele está dando à mãe, ao mundo externo. Se isso não puder acontecer, a capacidade criativa do sujeito fica comprometida, uma vez que “se o rosto da mãe não reage [ao olhar do bebê], então o espelho é algo a ser olhado, mas não a ser investigado” (WINNICOTT, 1971, p.152).

É pela possibilidade de olhar o mundo com confiança que o “o autoenriquecimento se alterna com a descoberta do significado das coisas vistas no mundo” (ibidem, p.151). Merleau-Ponty, por sua vez, afirma que

É preciso tomar ao pé da letra o que nos ensina a visão: que por ela tocamos o sol, as estrelas, estamos ao mesmo tempo em toda parte, tão perto dos lugares distantes quanto das coisas próximas, e que mesmo

---

<sup>8</sup> Grifos nossos.

nosso poder de imaginarmo-nos alhures (...), de visarmos livremente, onde quer que estejam, seres reais, esse poder recorre ainda à visão, reemprega meios que obtemos dela. (MERLEAU-PONTY, 2004, p.43)

O filósofo afirma que o espaço no qual o sujeito vive, para o qual lança seu olhar, não é uma simples rede de relações entre os objetos. Ele é “contado a partir de mim como ponto ou grau zero da espacialidade. Eu não o vejo segundo seu envoltório exterior, vivo-o por dentro, estou englobado nele. (...) O mundo está ao redor de mim, não diante de mim” (ibidem, p.33).

Quanto ao Menino, já completamente envolvido pelo momento, mais que apenas olhar, ele podia apreciar não só o tucano que, em voo reto e lento se retirou do cenário e “fez sonho” (GUIMARÃES ROSA, op. cit., p.205), mas aquilo que o rodeava e que constituía aquela experiência. A propósito, parece ser exatamente quando e porquê o tucano se ausenta, parece ser exatamente por estar envolvido pela vivência da experiência, que o Menino lança seu olhar sobre outra cena:

Mas a gente nem podendo esfriar de ver. Já para o outro imenso lado apontavam. De lá, o sol queria sair, na região da estrela-d’alva. A beira do campo, escura, como um muro baixo, quebrava-se, num ponto, dourado rombo, de bordas estilhaçadas. Por ali, se balançou para cima, suave, aos ligeiros vagarinhos, o meio sol, o disco, o liso, o sol, a luz por tudo. Agora, era a bola de outro a se equilibrar no azul de um fio. (...) Tanto tempo que isso, o Menino nem exclamava. Apanhava com o olhar cada sílaba do horizonte. (ibidem)

Merleau-Ponty afirma que “a visão não é um certo modo do pensamento ou presença a si: é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo, de assistir por dentro à fissão do Ser, ao término da qual somente me fecho sobre mim” (MERLEAU-PONTY, op. cit., p.42). Com essa afirmativa, o filósofo parece inserir uma reflexão ao que Winnicott chamou a atenção no que diz respeito à experiência cultural, a qual tem lugar no espaço potencial, lugar que preenche o hiato que se interpõe entre o sujeito e o objeto, entre o sujeito e o mundo externo. Dito de outra forma, parece haver uma

sugestão de que a visão, resultado do olhar, do movimento efetuado pelo sujeito, se coloca entre ele mesmo e aquilo que é visto, de modo a preencher com uma experiência viva um espaço que é individual e precisa ser recriado a cada momento a fim de se manter vivo e eficaz. O paradoxo se constitui porque há uma ausência mediante a presença, ou, nas palavras de Merleau-Ponty (ibidem, p.43), “o próprio do visível é ter um forro de invisível em sentido estrito, que ele torna presente como uma certa ausência”.

Não é possível dizer que o Menino está completamente mergulhado em suas fantasias, em seu mundo interno. Também não é possível dizer que somente o mundo externo está presente diante de seus olhos. A experiência que o Menino vivencia neste início de dia acontece efetivamente no meio externo, mas é enriquecida por seus conteúdos pessoais internos. O que se dá, de fato, é um brincar criativo, um prenúncio à experiência cultural. O hiato é preenchido pela constituição contínua do espaço potencial, lugar dos fenômenos transicionais, do brincar criativo, da experiência cultural.

O espaço potencial possibilita ao sujeito o exercício da criatividade. Seu uso é determinado pelas experiências atuais vivenciadas por ele, ou seja, a intensidade da vivência da experiência cultural depende do colorido que o próprio sujeito confere a ela. A continuidade do espaço potencial depende da continuidade da experiência vivenciada pelo sujeito, da maneira como o próprio Menino deu continuidade à visão experienciada, que foi do tucano ao nascer do sol e deste ao inimaginável.

A separação que se deu entre o Menino e o tucano, entre o Menino e o nascer do sol só existiu porque o seu olhar preencheu este espaço, constituindo o espaço potencial.

Nesse caso, o olhar era o fenômeno transicional que levou à própria experiência cultural.

Uma outra forma de se pensar a interação entre separação e união, sugere Winnicott (1971, p. 134), é pensar a interação existente entre originalidade e tradição. Para este psicanalista, “em qualquer campo cultural não é possível ser original exceto com uma base de tradição”. Ao olhar de quem está de fora da experiência vivida pelo sujeito, tudo o que este vivencia no presente é coisa do passado, já se deu anteriormente. O próprio tucano, “todos ali o conheciam, no pintar da aurora. Fazia mais de mês que isso principiara” (GUIMARÃES ROSA, op. cit., p.206). Mas segundo o olhar do Menino, era a primeira vez que aquilo se dava. De todo modo, aquela cena era criação sua. Para ele, era a primeira vez que via algo que o fazia sentir “animoso de amar” (idem).

No brincar criativo, no gesto espontâneo, na vivência da experiência cultural, todo objeto é um objeto que se descobre. Como fez o Menino:

Aí, quando o pássaro, seu raiar, cada vez, era um brinquedo de graça. Assim como o sol: daquela partezinha escura no horizonte, logo fraturada em fulgor e feito a casca de um ovo – ao termo da achãada e obscura imensidão do campo, por onde o olhar da gente avançava como no estender um braço. (GUIMARÃES ROSA, op. cit., p.207).

O brincar criativo e a experiência cultural “ligam passado, presente e futuro e ocupam o tempo e o espaço” (WINNICOTT, 1971, p.147). Talvez seja possível ainda pensar com Freud (1908) que aquilo que é vivenciado no presente tem sua origem em lembranças do passado e remete a um futuro no qual, espera-se, o desejo é realizado. Dito ainda de outra forma, “no entrelaçamento temporal é a vida do sujeito que se inscreve” (RIVERA, comunicação pessoal, 2008).

## CAPÍTULO 4

### A LEITURA LÚDICA: RABISCOS ENTRE AUTOR E LEITOR

*“Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro,  
interromper com frequência a leitura,  
não por desinteresse, mas, ao contrário,  
por afluxo de ideias, excitações, associações?  
Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?”  
Roland Barthes*

No conto de Clarice Lispector, visto anteriormente, foi possível perceber que o Menino, ao ouvir a voz da mãe, buscava-a com seu olhar. Ao final, olhar a mãe e ouvir sua voz era o que fazia com que ele se acalmasse, percebesse-se novamente reintegrado. No conto de Guimarães Rosa, o Menino saiu da posição angustiante e se voltou para a vida, por assim dizer, a partir da visão do tucano e do nascer do sol. O olhar, o gesto corporal que lança o sujeito ao mundo e que apresenta o mundo ao indivíduo. Olhar: movimento, gesto criador, gesto criativo.

Certa feita, perguntaram a Clarice Lispector qual tinha sido o livro de sua vida, ao que ela ponderou: “prefiro falar do primeiro livro de cada uma de minhas vidas” (LISPECTOR, 1973/1999, p.452). A escritora começa, então, a enumerar os livros que marcaram momentos diversos de sua vida, desde o “livro fininho que contava a história do patinho feito e da lâmpada de Aladim” (idem) até o exemplar de Katherine Mansfield, já na adolescência. Sobre este, ela assim descreve o encontro:

Em outra vida que tive, aos 15 anos, com o primeiro dinheiro ganho por trabalho meu, entrei altiva porque tinha dinheiro, numa livraria, que me pareceu o mundo onde eu gostaria de morar. Folhee quase todos os livros dos balcões, lia algumas linhas e passava para outro. E de repente, um dos livros que abri continha frases tão diferentes que fiquei lendo,



presa, ali mesmo. Emocionada, eu pensava: mas esse livro sou eu! E, contendo um estremecimento de profunda emoção, comprei-o. (ibidem, p.453)

Lispector nos mostra que a primeira relação que se estabelece com o livro é, sem dúvida, a do olhar. Toma-se um livro pela sua capa, pelo seu estilo tipográfico. Lança-se um olhar curioso ao seu conteúdo, passa-se a lê-lo descompromissadamente. Mas certamente não é apenas o olhar que captura o sujeito e transforma o livro naquele objeto que não será abandonado tão logo ou, ao contrário, naquele objeto que precisará ser abandonado imediatamente. Merleau-Ponty (1991) ressalta que o olhar apenas contemplativo é imobilizador. É certo que a experiência vivida por Lispector com o livro da escritora neozelandesa não foi contemplativa. De fato, é possível supor que tenha sido antes uma experiência de movimento corporal, segundo a sugestão de Barthes, isto é, uma leitura que por vezes a fez levantar a cabeça, refletir, retomar a leitura...

Foi este certamente o movimento realizado com a leitura dos dois contos utilizados ao longo deste trabalho e é sobre esse movimento, que implica envolvimento, que se deseja aqui tecer uma reflexão. Muito se tem dito acerca do escritor, do processo de escrita do texto, das motivações do escritor. Mas não é tão comum assim a reflexão sobre aquele que está com o livro nas mãos, sobre o leitor. Pouco se diz sobre o processo de leitura, e é uma reflexão sobre esse processo que se propõe, a título de encerramento, este trabalho.

Sem o escritor não há o leitor, mas, por outro lado, o que seria do escritor sem o leitor? A hipótese sugerida é que escritor e leitor jogam entre si, utilizando o objeto livro como peça fundamental. Seria um jogo que muito lembra o Jogo do Rabisco, criado por Winnicott a fim de ser utilizado nas consultas terapêuticas. O processo de

escrita permite ao autor lançar um primeiro traço no papel e cabe ao leitor lançar os traços seguintes. Considera-se o livro como o objeto que captura o indivíduo-leitor pelo olhar e que presentifica o gesto do escritor. O movimento corporal realizado pelo leitor e ressaltado por Barthes faz pensar o uso do objeto proposto por Winnicott: quando o leitor abandona a leitura para refletir, ele está fazendo o movimento de destruição e reconstrução do texto dentro de si mesmo, reescrevendo-o. Trata-se do gesto criativo. Sendo assim, se, ao longo da leitura, o leitor se torna capaz de usar o livro de forma criativa, o que ocorre é a sobreposição de duas áreas do brincar: a do escritor e a do leitor. Se a leitura se dá nesta área do brincar, então ela pode ser tomada como uma leitura lúdica, que acontece no espaço potencial, que implica um fazer a dois.

### **O ESCRITOR, O LEITOR E O TEXTO LITERÁRIO**

É bem sabido que Freud tinha grande paixão pelos livros, particularmente pelos clássicos. Não é de se admirar, pois, que, logo nos seus primeiros escritos psicanalíticos, ele dedique todo um texto à temática da literatura. Trata-se do texto de 1908, no qual a questão principal gira em torno do escritor, particularmente o seguinte questionamento: que trabalho é este realizado pelo escritor criativo que faz com que o leitor veja em si o despertar de emoções que jamais suspeitara existir?

Freud afirma que o escritor, ao construir sua escrita permeada por elementos provenientes do devaneio, da fantasia, faz o mesmo trabalho que a criança que brinca, isso é, mantém alguma ligação entre aquilo que cria e a realidade factual. Tanto o escritor quanto a criança tem a capacidade de discernimento entre aquilo que é real e o que é fantasia. Ambos levam à sua criação um mundo moldado da forma como lhe

agrade, de modo a realizar os seus desejos, por assim dizer, mais profundos e recalcados.

O devaneio do escritor é o substituto da brincadeira infantil, é o elo entre o mundo interno, pessoal (de objetos e situações imaginadas), com o mundo externo, com os objetos reais. Dito de outra forma, tanto o brincar quanto o devanear ocupam uma posição que se dá entre o imaginado e o real.

A criação literária consiste “em brincar com os limites entre ‘fantasia’ e ‘realidade’”, afirma Rivera (1995, p.41) e tem em seu processo a função de conferir uma forma ao desejo.

O desejo, sempre infantil, é aquilo que motiva tanto o brincar quanto o devanear. O brincar parece remeter a uma *progressão*, a um olhar à frente: não tendo ainda condições de *atuar na realidade* como um adulto assim o faz, a criança brinca de ser adulto e faz, na sua brincadeira, aquilo que o adulto faz no seu viver diário. O devanear, por outro lado, leva à reflexão acerca da impossibilidade que o sujeito tem em lidar com a realidade. Os devaneios, para Freud (1908[1907]/1996, p.139), são “as etéreas criações da fantasia”.

De acordo com Winnicott (1971, p.42-43), o devaneio sustenta a onipotência:

O brincar criativo se alia ao sonhar e ao viver, mas essencialmente *não* pertence ao fantasiar. (...) O fantasiar interfere na ação e na vida no mundo real, externo, mas interfere ainda mais no sonho e na realidade psíquica interna pessoal, núcleo vivo da personalidade individual.

O fantasiar pelo fantasiar, isto é, o devaneio não criativo, assemelha-se ao olhar contemplativo que imobiliza o indivíduo, levando-o ao sintoma neurótico, ao afastamento da realidade, à paralisia. O indivíduo parece acreditar, de forma onipotente, que suas fantasias bastam para que a realidade seja modificada, sem que haja a necessidade de seu próprio envolvimento. O escritor, ao contrário, usa o seu devaneio

de forma criativa e dá uma forma a ele, construindo o texto literário. Nessa construção, a fantasia é camuflada, suavizada, pois, do contrário, o leitor não aceitaria o texto de bom grado, afirma Freud.

Bakhtin (2003) alerta que enquanto constrói seu texto, o escritor não se dá conta de seus próprios conflitos ou fantasias, tomados com a pretensão única de ser matéria-prima para a obra de arte, mesmo que, no processo de construção, a luta travada pela imagem definida da personagem seja “em um grau considerável, uma luta [do escritor] consigo mesmo” (ibidem, p.5). Este autor diz que o escritor não se dá conta de seu próprio envolvimento psíquico com a obra, porque se trata de uma criação ativa cujo objetivo final é a obra acabada, enformada. Além disso, trata-se das emoções e dos desejos da personagem e não do escritor em face a ela. Por último, a visão que o escritor tem é a do produto em criação e não a do “processo interno psicologicamente determinado” (idem).

Obra finalizada, o escritor passa a tratá-la e aos seus personagens como indivíduos autônomos de fato, afirma Bakhtin. Sua posição passa a ser de independência, ou ainda, as personagens são completamente independentes dele, não são sua extensão ou sua imagem e semelhança. O escritor se torna independente das personagens, da própria obra. É onde reside o seu caráter criativo: na possibilidade de criação de personagens e não da reprodução de si mesmo; na possibilidade de permitir às personagens criadas uma vida própria. O escritor se afasta, se ausenta da sua criação.

A leitura lúdica pode ser tomada como um acontecimento vivo que implica o leitor em um “momento significativo de um acontecimento único e singular do existir” (ibidem, p.175). Dito em outras palavras, o processo da leitura lúdica é um processo

vivo, em nada teórico ou formal. Ele coloca o leitor em uma posição de vivência do processo: trata-se de uma vivência estética possibilitada pelo escritor.

Bakhtin afirma que o escritor está situado na fronteira do mundo por ele criado, não devendo invadir este mundo sob pena de destruir sua estabilidade estética, cuja força organizadora é precisamente o valor impresso pelo outro. Abre-se o caminho para a participação ativa do leitor no processo da leitura.

Por sua vez, Freud (1908[1907]/1996, p.142) diz que o escritor suborna o leitor “com o prazer puramente formal, isto é, estético que nos oferece na apresentação de suas fantasias”. Assim sendo, o leitor, no contato com a obra, tem a possibilidade de usufruir de maior prazer, “proveniente de fontes psíquicas mais profundas” (idem).

Dito de outra forma, o escritor apela aos sentidos do leitor. De fato, a leitura, quando envolve o indivíduo, leva-o além do olhar, além da fascinação. O corpo todo lê, entrega-se àquele objeto e àquele momento, à maneira que a criança se entrega totalmente ao seu brincar. Em outras palavras, não é apenas o escritor que faz o mesmo que a criança que brinca: o leitor também mergulha em um mundo que não é o factual, mas que também não é totalmente interno. A leitura implica tanto o mundo externo, uma vez que o livro é um objeto a ele pertencente, quanto o mundo interno, pois é o leitor que irá encontrar algo naquilo que lê, o que, segundo Paz (1982), não é nada inusitado, já que o leitor já trazia aquilo que eventualmente foi encontrado dentro de si mesmo.

Este encontro parece dizer respeito à vivência da ilusão no espaço potencial: o leitor cria algo (um mundo, personagens, sensações, vivências) que de fato já está lá para ser criado. É possível então que, se a leitura puder ser tomada como um brincar, ela possa ganhar a denominação, já utilizada neste trabalho algumas vezes, de *leitura*

*lúdica*, uma vez que tem as mesmas implicações do brincar, conforme já exposto anteriormente. Desta forma, a leitura, quando lúdica, é um fazer, é um trabalho, como bem lembra Barthes: “ler é fazer o nosso corpo trabalhar (...) ao apelo dos signos do texto, de todas as linguagens que o atravessam e que formam como que a profundidade achamlotada das frases” (BARTHES, 2004a, p.29).

### **O JOGO DO RABISCO E A LEITURA LÚDICA**

Winnicott (1968, 1984) relatou que muitas vezes não era possível realizar mais que um atendimento com determinadas crianças ou adolescentes em sua clínica pediátrica em razão da distância entre a residência do paciente, muitas vezes em cidades consideravelmente afastadas de Londres, e seu consultório. Por esse motivo, foi-lhe imposta a necessidade de criar um método ou uma técnica que permitisse que a comunicação com o paciente fosse estabelecida logo no primeiro (e muitas vezes único) encontro, de tal maneira que fosse possível saber diretamente do paciente aquilo que ele tinha a dizer, independentemente do que os pais traziam como queixa.

O primeiro encontro entre o paciente e o analista era chamado de Consulta Terapêutica e era durante esse contato que o Jogo do Rabisco acontecia. Seu objetivo era antes aprender acerca do paciente que interpretar o material gráfico produzido.

O jogo consiste na realização de um rabisco qualquer sobre o papel, às vezes com os olhos fechados a fim de caracterizar o risco aleatório, por parte do analista. A partir desse rabisco, o paciente deve construir algo, seja dizendo se aquele risco o remete a algo ou então fazendo novos traços de tal modo que o transforme em algo. Depois é a vez de o paciente fazer o primeiro rabisco e assim por diante.

O que se forma a partir de então é uma sequência de desenhos que contam algo sobre o paciente. Aqueles mais significativos, obviamente, são os produzidos pelo paciente. Os desenhos realizados constituem a comunicação que se dá entre este e o analista. Por meio deles, o sujeito se apresenta, apresenta sua história e seus conflitos. O analista, por sua vez, tem por função acolher tais conteúdos fazendo uso do *holding* muito mais que da interpretação.

O Jogo do Rabisco consiste em um fenômeno pois o seu significado se dá no momento, sem qualquer prenoção. Por esse motivo, ele propõe uma criação que neutraliza o risco de uma ilusão objetivista. Segundo Merleau-Ponty (2002, p.184), por esta ilusão o sujeito acredita que qualquer ato de expressão consistiria em “construir um sistema de signos tal que a cada elemento do significado corresponda um elemento do significante”. Em outras palavras, que cada coisa representada tenha efetivamente o significado preciso daquilo que ela representa, que, por exemplo, o desenho de uma árvore corresponda à árvore plantada na frente da casa do sujeito efetivamente.

A representação por um desenho consistiria, num olhar superficial, em produzir no papel uma equivalência simplista de algo, de um espetáculo, como nomeia o filósofo francês, “de tal maneira que em princípio, todos os elementos do espetáculo sejam assinalados *sem equívoco e sobreposição*<sup>9</sup>” (MERLEAU-PONTY, 2002, p.184). No entanto, é possível que com o desenho o indivíduo seja capaz de simplesmente exprimir a relação que tem com o mundo. Em última instância, o objetivo final do desenho não seria “construir um sinal de identificação ‘objetivo’ do espetáculo” (ibidem, p.186), comunicando, àquele que olha o desenho, sinalizações que são verdadeiras à sua percepção:

---

<sup>9</sup> Grifo nosso.

A finalidade é marcar no papel um traço de nosso contato com esse objeto e esse espetáculo, na medida em que fazem vibrar nosso olhar, virtualmente nosso tato, nossos ouvidos, nosso sentimento do acaso ou do destino ou da liberdade. *Trata-se de dar um testemunho, e não mais de fornecer informações*<sup>10</sup>. (idem)

Sendo assim, o desenho não deve ser dominado pelo olhar nem daquele que o constrói nem daquele que o recebe, uma vez que não se trata de algo objetivo e plano, de uma sequência lógica de eventos e de acontecimentos. O desenho deverá ir além do olhar, deverá ser fenômeno. O desenho deverá

ser recebido, nos dirá respeito como uma fala decisiva, despertará em nós o profundo arranjo que nos instalou em nosso corpo e através dele no mundo, terá a marca de nossa finitude, mas assim, e exatamente por isso, nos conduzirá à substância secreta do objeto do qual só tínhamos, há pouco, o invólucro. (idem)

O resultado do Jogo do Rabisco é uma imagem concreta, como lembra Godoy (2001), elemento pertencente ao mundo externo e objetivo, mas é também representante do mundo interno. O desenho produzido é uma criação que se dá a partir da interação entre o analista e o paciente, sendo uma materialização da relação transferencial. O desenho é tanto transicional quanto potencial, pois traz consigo a possibilidade de integrar aquilo que não está integrado no indivíduo: “a imagem *apresenta-se* inteira, dá-se à análise num momento posterior, mas seu efeito integrador concentra-se na capacidade de representar de uma só vez aquilo que nunca pode ser experimentado como inteiro, como total” (GODOY, 2001, p.383).

Os desenhos produzidos a partir dos rabiscos não devem ser interpretados. Sua preciosidade reside exatamente na possibilidade de o indivíduo ver nos desenhos criados sua própria criatividade, isto é, seu próprio modo de lidar com o mundo que o cerca. O objetivo final do desenho é, em última instância, oferecer ao indivíduo a possibilidade de lançar um olhar sobre sua própria história. Ao analista só cabe estar ali

---

<sup>10</sup> Grifo nosso.



para receber a construção do paciente, ser aquele que fez o primeiro movimento, mas que logo em seguida se retira da cena e permite que o indivíduo realize sua própria criação. O analista se torna aquele que permite, de certa forma, que o indivíduo se movimente. O Rabisco, ou o resultado do Jogo, costuma ser satisfatório em si mesmo, uma vez que não há uma expectativa sobre seu resultado e o desenho acaba por se tornar algo semelhante

a um ‘objeto encontrado’, por exemplo, uma pedra ou pedaço de madeira velha que um escultor poderia achar e estabelecer com uma espécie de expressão, sem precisar ser trabalhado. (...) Qualquer trabalho que seja feito estraga o que já inicia como um objeto idealizado. Um artista pode sentir que o papel ou a tela são belos demais, que não devem ser estragados. Potencialmente, eles *são* obras-primas. (WINNICOTT, 1968, p.232).

O processo de leitura se aproxima da proposta do Jogo do Rabisco em alguns aspectos, tais como a continuidade que o indivíduo dá ao gesto inicial do escritor por meio da leitura. Em outras palavras, se cabe ao escritor o primeiro gesto, que é a criação, a escrita do texto, cabe ao leitor a continuidade e a significação do texto pela leitura. O escritor se afasta, à maneira que o analista também o faz, permitindo ao indivíduo um encontro que é seu, único, individual. O livro, ao final, passa a ser uma espécie de objeto encontrado.

Desta forma, se ao autor compete a escrita, o primeiro rabisco, ao leitor cabe a tarefa de dar voz ao texto, de torná-lo vivo. Diz Barthes (1999, p.115) que “a escrita não é somente comunicação de uma mensagem que partiria do autor em direção ao leitor; ela é, especificamente, a própria voz da leitura: no texto, só o leitor fala”. O texto, ao se tornar independente do autor, convida o leitor a uma aventura que, certamente, requer coragem. O texto convida o leitor a mergulhar e ir além do invólucro, a dar a ele uma voz outra. O texto apela ao leitor para que ele lhe dê a sua própria voz, a voz do leitor.

Ao assumir tal lugar, o leitor tem a possibilidade de se apossar do texto, de usá-lo. O texto que não tagarela, segundo Barthes (2001), é aquele que convida o leitor a realizar uma leitura criativa. O livro, quando tomado dessa forma, é um fenômeno e não um signo a ser estudado.

Quando lúdica, a leitura deixa de ser um “gesto parasita” (BARTHES, 2001) e se torna um trabalho. Ela convoca o leitor a assumir uma posição ativa e ele, então, ao aceitar o desafio, movimenta-se, ocupa diversas posições. O leitor não está escondido no texto, pois nele o indivíduo é irreferenciável. O trabalho do leitor consiste em aparecer, em metaforizar, em ir além daquilo que foi proposto, daquilo que é esperado: “transladar sistemas cujo prospecto não para no texto nem em mim” (BARTHES, 1999, p.16).

O processo de leitura é plural porque nenhuma leitura é a primeira: toda leitura é sempre influenciada por leituras anteriores, devendo, por esse motivo, provocar o encadeamento das pluralidades. Nisso consiste a interpretação do texto, segundo Barthes (1999): interpretar um texto é apreciar a pluralidade da qual ele é feito.

Ler, para este autor,

É um trabalho de linguagem. Ler é encontrar sentidos, e encontrar sentidos é nomeá-los, mas esses sentidos nomeados recebem novos nomes; os nomes chamam os nomes, reúnem-se, e esse conjunto pretende que de novo o nomeiem; nomeio, denomino, volto a nomear. Assim passa o texto: é uma nomeação em potência, uma aproximação incansável, um trabalho metonímico. (idem)

Dito de outra forma, não cabe ao autor dotar a obra de um sentido exclusivo e imutável. Isso é função do leitor, que confere vida à obra, que dá voz ao texto, que o lê ludicamente, de forma apaixonada. O leitor encontra prazer na leitura quando o texto mostra suas pluralidades, quando mostra que nele de fato há uma “coabitação de linguagens, que trabalham lado a lado: o texto de prazer é Babel feliz” (BARTHES,

2001, p.36). Tal pluralidade textual remete à pluralidade própria do leitor, que se percebe instigado a ir além do texto. É quando então o leitor se incomoda, sai do seu lugar de conforto pela provocação que o texto lhe propõe. Ele, eventualmente interrompe a leitura do texto, reflete, devaneia, escreve a obra dentro de si e retorna à leitura; muitas vezes até mesmo abandona o texto para só depois retomá-lo mais uma vez.

#### A LEITURA E A ANGÚSTIA DA SOLIDÃO

O texto não deve livrar o leitor dos conflitos. Ao contrário, ele também pode ser a cena na qual as contradições se mostram, onde o conflito se revela, sendo, por isso, capaz de provocar conflito no leitor, o qual deixou o lugar de passividade. O texto coloca, por vezes, o leitor em lugares desconfortáveis, incômodos mesmo. Instiga questionamentos e põe em relevo crises entre o leitor, o mundo que o cerca e, principalmente talvez, seu mundo interior. Por tudo isso, o texto provoca a mudança de posição do leitor.

A obra convoca o leitor a associar cada frase lida a “*outras* ideias, *outras* imagens, *outras* significações” (BARTHES, 2004, p.28). De certa forma, quando realmente envolvido no trabalho de leitura, somente o leitor é capaz de dar conta do sentido do texto. Quando se lê, não existem verdades, sejam objetivas, sejam subjetivas. O que há, afirma Barthes (ibidem, p.29), é tão somente uma “verdade lúdica”.

Quando o sujeito lê, o corpo todo trabalha. E o trabalho do corpo é projetado sobre o texto, de certo modo, pois “ao ler, nós também imprimimos certa postura ao texto, e é por isso que ele é vivo” (idem).

Apesar de se dar no interior de uma estrutura, e ser a ela submissa, a leitura, ao mesmo tempo, subverte a estrutura pelo gesto corporal. Quando lê, o sujeito fecha-se ao mundo. Diz Barthes (2004, p.37-38) que

o sujeito-leitor é um sujeito inteiramente deportado sob o registro do Imaginário; toda a sua economia de prazer consiste em cuidar da sua relação dual com o livro (isto é, com a Imagem), fechando-se a sós com ele, colado a ele, bem perto dele, como a criança fica colada à Mãe e o Apaixonado fixado no rosto do amado.

Cecília Meireles registra essa relação que o indivíduo tem com o livro em uma crônica intitulada “Crônica sonhada” (1982, p.34):

A mulher existe naquele momento, embora não seja nitidamente vista. Existe e lê um livro. Lê um livro profundamente. O lugar em que a mulher se encontra não oferece pontos de referência: é um determinado espaço dentro do espaço indeterminado, sem paredes, sem espessuras, todo penetrável e, no entanto, aparentemente exclusivo. A mulher lê profundamente.

Há um homem, um cocheiro de um carro funerário, à espera da mulher para levá-la a algum lugar. A mulher o faz esperar e diz que descera assim que acabar de ler o livro.

Sim, a mulher terminará a leitura daquele livro e logo, caminhando sobre as suas palavras, descera para esse carro que a espera, embora não se perceba nenhuma relação de distância ou de posição entre o lugar que ela ocupa e o lugar a que terá de descer – pois é tudo de tal modo unido que não se concebe que não estejam todas as coisas, e a exigência e o tempo fundidos e integrados na mesma realidade.

(...)

O cocheiro, evidentemente, vigia o que lhe parece ser o oportuno instante. A mulher, porém, livre de todos os instantes, inalterável na sua situação, continua a ler. A mulher lê profundamente. (MEIRELES, 1982, p.36)

Barthes (2003) chama de transicional a palavra que provoca reações corporais no indivíduo, que lhe são significativas, que têm valor. Ele afirma que essas palavras equivalem ao objeto transicional infantil, que, da mesma forma que os objetos, fazem parte da área do jogo. Mas as palavras transicionais colocam em cena a ausência,

possivelmente da mesma forma que o objeto transicional também coloca em cena, como foi possível constatar no conto de Guimarães Rosa, a ausência materna.

Se por um lado a ausência materna possibilita a criação, por outro lado ela evidencia a solidão do indivíduo, como se viu no conto de Clarice Lispector. Ao privilegiar a ausência do objeto primordial em detrimento da possibilidade criativa do indivíduo, a vivência no espaço transicional pode se tornar insuportável. É possível, então, que a leitura se torne angustiante quando ela confronta o indivíduo em sua solidão, em sua incapacidade de estar só.

Nem todos os indivíduos possuem a capacidade de estar só, afirma Winnicott (1958b/1965). Ser capaz de ficar só não é o mesmo que estar sozinho. De fato, a solidão pode provocar um sofrimento inimaginável ao indivíduo que não tem a capacidade de ficar só, afirma o psicanalista.

A capacidade de estar só depende da maturidade psíquica do indivíduo, de seu estado de integração. Ela depende da existência de objetos bons na realidade interna individual, afirma Winnicott (1958b/1965). É a presença de tais objetos que fazem com que o indivíduo tenha confiança no presente e no futuro, pois eles dão notícias do objeto externo ao indivíduo que está ausente, mas não foi destruído. Os objetos bons internalizados conferem ao indivíduo a segurança de que ele é capaz de manter relacionamentos suficientemente bons com o mundo que o cerca e que este mundo é capaz de acolhê-lo.

Ter prazer em sua solidão implica, ao indivíduo, se reconhecer enquanto um ser integrado e real, diferenciado do mundo externo e detentor de um mundo interno potencialmente rico. Ler um livro no prazer da solidão implica antes sonhar que devanear. Implica, talvez, inscrever-se no entrelaçamento temporal de sua própria vida.

Blanchot (1987) afirma que a obra nunca é acabada pelo artista. Mais ainda, ele diz que a obra de arte, a obra literária simplesmente é. A obra é um objeto a ser usado. Ela é solitária e quem a lê afirma sua solidão. E continua:

O escritor escreve um livro mas o livro ainda não é a obra, a obra só é obra quando através dela se pronuncia, na violência de um começo que lhe é próprio, a palavra ser, *evento que se concretiza quando a obra é a intimidade de alguém que a escreve e de alguém que a lê*<sup>11</sup>. (BLANCHOT, 1987, p.13)

Para que a obra seja, o escritor deve se afastar. Para que a obra seja, o leitor deve se aproximar. Ele deve destruir e reconstruir a obra. Uma obra que diz respeito à sua própria vida.

#### **A LEITURA E A REESCRITA DA PRÓPRIA HISTÓRIA**

A leitura presentifica, pois, no indivíduo uma vasta gama de emoções. Quando ele é capaz de se entregar à solidão na leitura, mesmo assolado por tantos afetos, não é despedaçado, não se dissocia. O leitor permanece integrado.

Na possibilidade da solidão, na capacidade de estar só o leitor pode significar o gesto que anteriormente complementou o gesto do autor pela leitura da obra. Se o resultado do desenho criado a partir do rabisco foi o encontro de um objeto, o resultado da leitura do texto também pode ser um encontro. O próprio texto é o objeto encontrado, sobre o qual não cabe interpretações pois qualquer interpretação que se faça acabará por arruinar o texto, a obra, o objeto.

Ao encontrar o texto, tomando-o como obra-prima, como objeto que não precisa de reparos, que simplesmente é, o leitor brinca com o autor e ocupar o seu lugar, tornando-se, assim, ele mesmo o autor da obra. Barthes (2004) afirma que a leitura é

---

<sup>11</sup> Grifo nosso.

impertinente, pois a pertinência remete aos sentidos e a leitura é penetrada pelo desejo. A leitura lúdica provoca no leitor o desejo da escrita. Enquanto lê, o leitor escreve a obra em seu interior. Ele se torna autor. As palavras textuais, diz Barthes (2001), criam vida e o leitor-autor pode retirar delas prazer.

O texto deve empurrar o leitor para frente de tal forma que o próprio livro deixe de existir e o leitor seja arrebatado pela leitura em si. É nesse movimento que a leitura conduz o leitor ao desejo da escrita.

Indentado: Não é que necessariamente desejemos escrever como o autor cuja leitura nos agrada; o que desejamos é apenas o desejo que o escritor teve de escrever, ou ainda: desejamos o desejo que o autor teve do leitor enquanto escrevia, desejamos o *ame-me* que está em toda escritura. (BARTHES, 2004, p.39)

A leitura verdadeira, diz Barthes (2004), é uma leitura louca, na qual o leitor capta simultaneamente a multiplicidade dos sentidos, dos pontos de vista, das estruturas, ignorando ou eliminando todas as contradições. Ler é muito mais que decodificar: ler é sobrecodificar, é amontoar linguagens, é deixar-se atravessar por elas. O leitor, afirma Barthes, é a travessia da linguagem. “A leitura seria o lugar onde a estrutura se descontrola” (ibidem, p.42). Ele afirma que a leitura prazerosa tem o seu próprio ritmo, que não condiz com o ritmo do texto:

Indentado: Não lemos tudo com a mesma intensidade de leitura; estabelece-se um ritmo, desenvolvimento, pouco respeitoso em relação à *integridade* do texto; a própria avidez do conhecimento leva-nos a sobrevoar ou a saltar certas passagens (que se pressentem ‘aborrecidas’) para encontrar o mais depressa possível os lugares animados da anedota (que são sempre as suas articulações – o que faz avançar a revelação do enigma ou do destino): saltamos impunemente (ninguém nos vê) as descrições, as considerações, as conversas. (BARTHES, 2001, p.45)

Quem dita o ritmo da leitura é o leitor quando ocupa o lugar de autor da obra, pois a obra que lhe proporciona o prazer é a obra da sua vida. O que provoca o prazer, diz Barthes (ibidem, p.46), são as “esfoladelas que faço no belo invólucro”. São os

momentos de reflexão, de reescrita, de escrita do texto no interior do próprio sujeito. O texto que provoca o prazer no indivíduo ocupa o espaço de prazer, é o texto encontrado no espaço da ilusão. A leitura lúdica só é possível no espaço potencial, no espaço da experiência, da vivência. A leitura só é lúdica se provoca uma escrita lúdica: a escrita criativa da própria vida.

### **“FIM É O LUGAR DE ONDE PARTIMOS”**

Merleau-Ponty (1991) lembra que o sentido só aparece quando está encravado nas palavras. As palavras são usadas para imprimir uma nova significação, para tornar presente o que estava ausente. As palavras só constroem um significado na coexistência.

A linguagem realiza, provoca movimento, metaforiza. Se um texto não for capaz de provocar o indivíduo, de fazê-lo experienciar, de convidá-lo a continuar o gesto começado por ele, então ele não será nada além de uma metáfora morta.

O texto provocador de uma leitura lúdica deve conter mais que apenas ideias em si mesmo. Como propõe Merleau-Ponty, ele deve conter fontes de ideias. Uma obra de arte deve “fornecer emblemas cujo sentido nunca terminamos de desenvolver” (MERLEAU-PONTY, 1991, p.81).

Uma obra que tenha o valor lúdico da forma como foi proposta aqui deve ser, em si mesma, o fim para que o indivíduo possa dar início ao processo de escrita de seu próprio texto. O verdadeiro gesto criador, ressalta Merleau-Ponty (2002, p.187), faz poesia, integra o tempo:

conforme o tempo que vivemos, o presente ainda toca, ainda segura pela mão o passado, tem uma estranha coexistência com ele, e apenas as elipses da narração gráfica podem exprimir esse movimento da história que salta seu presente em direção a seu futuro.



A linguagem permite a compreensão do passado e a integração da temporalidade individual. Cabe, mais uma vez, lembrar que para Winnicott (1971), somente é possível ser original quando se tem por fundamento uma tradição.

No início, a relação mãe-bebê dá suporte ao processo de integração do indivíduo. A construção do espaço transicional só é possível porque o estado de integração é uma realidade. No entanto, a integração não é permanente, não é inequívoca. Ela é também uma construção.

A experiência de um brincar no espaço transicional permite ao sujeito o encontro com o mundo. Permite-lhe agir no mundo, trazer elementos do mundo para si mesmo sem que neste movimento ele e o mundo se tornem um, se confundam. Sem que ele se desintegre.

A leitura lúdica é movimento corporal, mas também é sonho. É construção de si. É o comprometimento com uma escrita incessante, interminável (BLANCHOT, 1987). É fenômeno, é objeto encontrado: é a própria existência.

Escrever a própria vida é construir a partir de cada traço o seu próprio poema.

Fim é o lugar de onde partimos. E cada frase  
Ou sentença de rigor (onde cada palavra se familiariza,  
Assumindo seu posto para suportar as demais,  
A palavra sem pompa ou timidez,  
Um natural intercâmbio do antigo e do novo,  
A palavra correntia, correta e digna,  
A palavra essencial e exata, mas sem pedanteria,  
O íntegro consórcio de um bailado unívoco)  
O que chamamos princípio é quase sempre o fim  
E alcançar um fim é alcançar um princípio.  
Fim é o lugar de onde partimos.  
(...)  
Cada frase e cada sentença são um fim e um princípio.  
(ELLIOT, 1943/2006, p. 236-237)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, J. (2000). *A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott.* (M. D. G. da Silva, trad.). Rio de Janeiro: Revinter.

AZEVEDO, F. F. S. (2010). *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins/thesaurus.* (2ª edição atualizada e revista). Rio de Janeiro: Lexikon.

BAKHTIN, M. (2003). O autor e a personagem. In: *Estética da criação verbal.* (P. Bezerra, trad., pp.3-20). São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, M. (2003). O problema do autor. In: *Estética da criação verbal.* (P. Bezerra, trad., pp.173-192). São Paulo: Martins Fontes.

BARTHES, R. (1984). *A câmara clara.* (J. C. Guimarães, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BARTHES, R. (1999). *S/R.* (M. S. Cruz e A. M. Leite, trad.). Lisboa: Edições 70.

BARTHES, R. (2001). *O prazer do texto.* (M. M. Barahona, trad.). Lisboa: Edições 70.

BARTHES, R. (2003). *Roland Barthes por Roland Barthes.* (L. Perrone-Moysés, trad.). São Paulo: Estação Liberdade.

BARTHES, R. (2004). *O rumor da língua*. (M. Laranjeira, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

BEZERRA JR., B. (2007). Winnicott e Merleau-Ponty: o *continuum* da experiência subjetiva. In: Bezerra Jr., B. e Ortega, F. (org.). *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

BLANCHOT, M. (1987). A solidão essencial. In: *O espaço literário*. (A. Cabral, trad., pp.9-25). Rio de Janeiro: Rocco.

CALVET, L-J. (1993). *Roland Barthes: uma biografia*. (M. A. V. da Costa, trad.). São Paulo: Siciliano.

CUNHA, A. G. (2010). Dicionário etimológico da língua portuguesa (4ª edição revista e atualizada pela nova ortografia). Rio de Janeiro: Lexikon.

ELLIOT, T. S. (2006). Quatro quartetos: Little gidding. In: *Poesias*. (I. Junqueira, trad., pp.229-238). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1943).

ETCHEGOYEN, R. H. (1991). “On narcissism: an introduction”: text and context. In: Sandler, J.; Person, E. S. & Fonagy, P. *Freud’s “On narcissism: an introduction”*. Contemporary Freud: turning points & critical issues. London: International Psychoanalytical Association.

FERENCZI, S. (1992). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In: *Obras completas: psicanálise II*. (A. Cabral, trad., pp.39-53). São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1913).

FIGUEIREDO, L. C. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.

FREUD, S. (1996). A interpretação dos sonhos. Rio de Janeiro: Imago. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Volume V, pp. 544 - 648). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900)

FREUD, S. (1996). Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jenzen. Rio de Janeiro: Imago. In: S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Volume IX, pp. 133-143). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1907[1906]).

FREUD, S. (1996). Escritores criativos e devaneios. Rio de Janeiro: Imago. In: S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Volume IX, pp. 133-143). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1908[1907]).

FREUD, S. (1996). Inibições, sintomas e ansiedade. Rio de Janeiro: Imago. In: S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Volume XX, pp. 81-170). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926).

FREUD, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Volume VII, pp. 117-195). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905)

FREUD, S. (2007). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L.A.Hanns, trad., volume I, pp.95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914)

FREUD, S. (2007). Além do princípio de prazer. In: S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L.A.Hanns, trad., volume II, pp.123-198). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).

FREUD, S. (2007). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L.A.Hanns, trad., volume I, pp.63-77). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1911).

FREUD, S. (2007). Luto e melancolia. In: S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L.A.Hanns, trad., volume II, pp.99-122). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1917).

FREUD, S. (2007). O Eu e o Id. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L.A.Hanns, trad., volume III, pp. 13-92). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923)

GODOY, L. B. (2001). Imagem-existência: o jogo de rabiscos com uma paciente adulta. In: Outeiral, J., Hisada, S. e Gabriades, R. (org.). *Winnicott: Seminários Paulistas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

GRAÑA, R. B. (2005). *A carne e a escrita: um estudo psicanalítico sobre a criação literária*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

GRAÑA, R. B. (2007). *Origens de Winnicott: ascendentes psicanalíticos e filosóficos de um pensamento original*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

GUIMARÃES ROSA, J. (2005a). As margens da alegria. In: *Primeiras estórias*. (pp.49-53). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GUIMARÃES ROSA, J. (2005b). Os cimos. In: *Primeiras estórias*. (pp.201-209). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS (2008). *Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos*. (2ª edição). São Paulo: Publifolha.

KAHR, B. (1997). *A vida e a obra de D. W. Winnicott: um retrato biográfico*. (C. Alfaro e D. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Exodus Editora.

KEHL, M. R. (1990). O desejo de realidade. In: Novaes, A. (org). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: Funarte.

KHAN, M. M. (2000). Introdução. In Winnicott, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (D. Bogomoletz, trad., pp.11-54). Rio de Janeiro: Imago.

LISPECTOR, C. (1999). O primeiro livro de cada uma de minhas vidas. In *A descoberta do mundo* (pp.240-242). Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1973).

LISPECTOR, C., (1999). Menino a bico de pena. In *A descoberta do mundo* (pp.240-242). Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1969)

MEIRELES, C. (1982). Crônica sonhada. In: *Ilusões do mundo: crônicas*. (pp. 34-36). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MERLEAU-PONTY, M. (1991). A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: *Signos*. (M. E. G. G. Pereira, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

MERLEAU-PONTY, M. (2002). *A prosa do mundo*. (P. Neves, trad.). São Paulo: Cosac & Naify).

MERLEAU-PONTY, M. (2004). *O olho e o espírito*. (P. Neves e M. E. G. G. Pereira, trad.). São Paulo: Cosac & Naify.

MERLEAU-PONTY, M. (2006). *Fenomenologia da percepção*. (C. A. R. de Moura, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

MOISÉS, M. (2004). *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix.

NEWMAN, A. (2003). *As ideias de D. W. Winnicott: um guia*. (D. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Imago.

PAZ, O. (1982). O arco e a lira. (O. Savary, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

RIVERA, T. (1995). O fantasiar: afastamento da realidade e criação artística. *Tempo psicanalítico*. Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle. Rio de Janeiro, 28: pp.33-54.

SEGAL, H. (1993). Simbolismo. In: *Sonho, fantasia e arte*. (B. H. Mandelbaum, trad., pp.45-61). Rio de Janeiro: Imago.

SOUZA, P. C. (2010). *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras.

WINNICOTT, D. W. (1965a). Psycho-analysis and the sense of guilt. In: *The maturational processes and the facilitating environment*. London: Karnac. (First published in 1958a).

WINNICOTT, D. W. (1965b). The capacity to be alone. In: *The maturational processes and the facilitating environment*. London: Karnac. (First published in 1958b).

WINNICOTT, D. W. (1971). *Playing and Reality*. London and New York: Routledge.

WINNICOTT, D. W. (1983). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I. C. S. Ortiz, trad., pp.55-61). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1962)

WINNICOTT, D. W. (1983). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I. C. S. Ortiz, trad., pp.163-174). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1963a)

WINNICOTT, D. W. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I. C. S. Ortiz, trad., pp.79-87). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1963b)



WINNICOTT, D. W. (1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I. C. S. Ortiz, trad., pp.38-54). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1960)

WINNICOTT, D. W. (1984). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. (J. M. S. Cunha, trad.). Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT, D. W. (1990). *Natureza humana*. (D. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Imago.

WINNICOTT, D. W. (1994). Ideias e definições. In: Winnicott, C., Shepherd, R., Davis, M. (org). *Explorações psicanalíticas*. (J. O. A. Abreu, trad., pp.36-37). Porto Alegre: Artmed.

WINNICOTT, D. W. (1994). O brincar e a cultura. In: Winnicott, C., Shepherd, R., Davis, M. (org). *Explorações psicanalíticas*. (J. O. A. Abreu, trad., pp.160-162). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1968a).

WINNICOTT, D. W. (1994). O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família. In: Winnicott, C., Shepherd, R., Davis, M. (org). *Explorações psicanalíticas*. (J. O. A. Abreu, trad., pp.102-115). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1965).

WINNICOTT, D. W. (1994). O destino do objeto transicional. In: Winnicott, C., Shepherd, R., Davis, M. (org). *Explorações psicanalíticas*. (J. O. A. Abreu, trad., pp.44-48). Porto Alegre: Artmed. (Palestra oficial proferida em 1959).

WINNICOTT, D. W. (1994). O jogo do rabisco (*squiggle game*). In: Winnicott, C., Shepherd, R., Davis, M. (org). *Explorações psicanalíticas*. (J. O. A. Abreu, trad., pp.433-443). Porto Alegre: Artmed. (Palestra original proferida em 1968b).

WINNICOTT, D. W. (1994). Pós-escrito: D.W.W. sobre D.W.W. In: Winnicott, C., Shepherd, R., Davis, M. (org). *Explorações psicanalíticas*. (J. O. A. Abreu, trad., pp.433-443). Porto Alegre: Artmed. (Palestra original proferida em 1967).

WINNICOTT, D. W. (1999). O valor da depressão. In: *Tudo começa em casa*. (P. Sandler, trad., pp.41-51). São Paulo: Martins Fontes. (Ensaio original apresentado em 1963).

WINNICOTT, D. W. (1999). *Sum*: Eu sou. In: *Tudo começa em casa*. (P. Sandler, trad., pp.41-51). São Paulo: Martins Fontes. (Palestra original proferida em 1968).

WINNICOTT, D. W. (2000). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (D. Bogomoletz, trad., pp.355-373). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1954).

WINNICOTT, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (D. Bogomoletz, trad., pp.399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1956).

WINNICOTT, D. W. (2000). Ansiedade associada à insegurança. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (D. Bogomoletz, trad., pp.163-167). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1952)

WINNICOTT, D. W. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (D. Bogomoletz, trad., pp.218-232). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1945).

WINNICOTT, D. W. (2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (D. Bogomoletz, trad., pp.316-331). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1951).

WINNICOTT, D. W. (2000). Pediatria e psiquiatria. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (D. Bogomoletz, trad., pp.233-253). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1948).

WINNICOTT, D. W. (2005). *O gesto espontâneo*. (L. C. Borges, trad.). São Paulo: Martins Fontes.